



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ALESSANDRO RICARDO PINHEIRO BRANDÃO

**TAMBOR DE MINA E MÃE DULCE: MEMÓRIA (S) DA PRIMEIRA MÃE DE SANTO
DO AMAPÁ (1963-2007)**

MACAPÁ-AP
2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

ALESSANDRO RICARDO PINHEIRO BRANDÃO

**TAMBOR DE MINA E MÃE DULCE: MEMÓRIA (S) DA PRIMEIRA MÃE DE SANTO
DO AMAPÁ (1963-2007)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amapá (PPGH/Unifap) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Poder, Memória e Representações.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá
Elaborada por Jamile da Conceição da Silva – CRB-2/1010

B817t Brandão, Alessandro Ricardo Pinheiro.
Tambor de mina e mãe Dulce: memória (s) da primeira mãe de santo do Amapá (1963-2007) / Alessandro Ricardo Pinheiro Brandão. – 2022.
1 recurso eletrônico. 81 folhas : ilustradas.

Dissertação (Mestrado em História) – Campus Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História, Macapá, 2022.
Orientadora: Professora Doutora Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos

Modo de acesso: World Wide Web.
Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).

Inclui referências e anexos.

1. Religião e Cultura – Amapá (AP). 2. Religião – Influências africanas. 3. Umbanda - Rituais. 4. Cultos afro-brasileiros- Amapá. 5. Moreira, Dulce Costa, “Mãe Dulce”, 1925-2007. I. Santos, Fernanda Cristina da Encarnação dos, orientadora. II. Título.

Classificação Decimal de Dewey, 22 edição, 299.6098116

BRANDÃO, Alessandro Ricardo Pinheiro. **Tambor de mina e mãe Dulce**: memória (s) da primeira mãe de santo do Amapá (1963-2007). Orientadora: Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos. 2022. 81 f. Dissertação (Mestrado em História) – Campus Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História, Macapá, 2022.

ALESSANDRO RICARDO PINHEIRO BRANDÃO

TAMBOR DE MINA E MÃE DULCE: MEMÓRIA(S) DA PRIMEIRA MÃE DE SANTO DO
AMAPÁ (1963-2007)

DISSERTAÇÃO APRESENTADA PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM
HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH/UNIFAP

Aprovada em 31 de março de 2022.

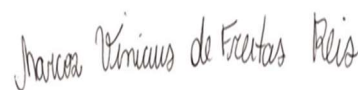
BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos (PPGH-Unifap) 

2º Examinador Interno:

Prof.^o Dr. Marcos Vinicius Freitas Reis (PPGH-Unifap)



3º Examinador Externo:

Prof.^o Dr. Yurgel Pantoja Caldas (PPGLET-Unifap)



Macapá

2022

Agradecimentos

Este trabalho resulta do meu esforço intelectual e espiritual, de saber sobre minhas origens e ascendência religiosa. Com auxílios de meus familiares, minha mãe, meu pai, minha esposa, meus irmãos, minhas avós, meus tios e tia, e amigos, que foram generosos e pacientes comigo durante a construção deste trabalho.

Ao meu sacerdote, Babalorixá Dangujy (Wagner dos Santos), por toda proteção e abertura de caminhos, minha gratidão ao Senhor Ogum. E a todos meus irmãos do Ilé D'Asè Ig'Balè Fumdeguilé e Congá São Jorge.

Gratidão aos sacerdotes e sacerdotisas, em especial do Terreiro de Mina Nagô Santa Bárbara, por terem me recebido e repassados saberes e fundamentos da matriarca das religiões afro-ameríndias do Amapá. À Mãe Socorro de Oxum e Mãe Jaguarema de Ogum, meu carinho e respeito. Ao Senhor Juvenal Canto, meu obrigado por repassar seus conhecimentos oculares da fundação do espiritismo kardecista em Macapá. Ao amigo e colega de profissão, Humberto Moreira, primogênito de mãe Dulce, por me receber em sua residência e me auxiliar sobre este trabalho.

Meus agradecimentos ao Prof. Mair Melo, que foi generoso comigo e pelas longas conversas com café delicioso em nossas entrevistas, por compartilhar sua história e de nossa religião no Estado.

Minha gratidão também aos professores do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Amapá, Prof^a. Dr^a. Lara de Castro, Prof. Dr. Adalberto Paz, Prof. Dr. Sidney Lobato, Prof. Dr. Andrius Noronha, Prof. Dr. Alexandre Cruz Alves Junior, Prof. Dr. Marcos Vinicius de Freitas Reis, pela imensa contribuição que todos deram. A este último, minha eterna gratidão pelo incentivo aos estudos, conteúdos e disposição quando mais precisei. A minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Fernanda Cristina da Encarnação dos Santos, minha companheira e que fez tudo isso se realizar. Não deixou minha peteca cair e não fez eu desistir de tudo durante a Pandemia.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), minha gratidão pelo incentivo nos recursos que geraram este trabalho.

A todos os entes e familiares que partiram durante a Pandemia de Covid-19, meu singelo agradecimento. Ao Pai Armando, Pai Aurélio, Mãe Zeca e Mãe Adérica serão para sempre lembrados como baluartes da luta contra a intolerância religiosa e divulgadores das religiões de Matriz Africana.

Dedico este trabalho a todas as sacerdotisas, sacerdotes, filhos, autoridades do axé, que sofreram e sofrem o preconceito, e que mesmo assim continuam suas jornadas na fé.

RESUMO

BRANDÃO, Alessandro Ricardo Pinheiro Brandão. *Tambor de Mina e Mãe Dulce: Memória(s) da Primeira Mãe de Santo do Amapá (1963-2007)*. 81 f. Dissertação (Mestrado em História) – Campus Marco Zero, Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Macapá, 2022.

O presente trabalho apresenta uma pesquisa sobre as memórias da primeira mãe de Santo do Tambor de Mina do Amapá, Mãe Dulce Costa Moreira. É um esforço de preservação da memória de pessoas que ajudaram a construir, também, a religião de Tambor de Mina. Trata-se de uma discussão e reflexão sobre a história regional, utilizando como fundamentação teórica a História Oral; a análise documental da Federação Umbandista do Amapá (dirigida por Mãe Dulce), discursos oficiais e memória, baseada em Le Goff (1990). A proposta é resgatar histórias cotidianas de Mãe Dulce, no trânsito e construção da religião afro-ameríndia no Amapá. O trabalho foi desenvolvido no Terreiro de Mina Nagô Santa Bárbara e busca resgatar histórias da vida da sacerdotisa no período de 1963 a 2007. A pesquisa procura, ainda, mostrar de que forma a intolerância religiosa está presente na cultura afro-religiosa, nos terreiros do Amapá.

Palavras-chave: Mãe Dulce. Terreiros do Amapá. Cultura e Religiões afro-ameríndias. Tambor de Mina.

ABSTRAIT

BRANDÃO, Alessandro Ricardo Pinheiro Brandão. Tambor de Mina et Mãe Dulce : Mémoire(s) de la Première Mère de Santo de l'Amapá (1963-2007). 81 p. Mémoire (Master en histoire) – Marco Zero Campus, Université fédérale d'Amapá, Coordination du programme de troisième cycle en enseignement de l'histoire, Macapá, 2022.

Le présent travail présente une recherche sur les souvenirs de la première mère de Santo do Tambor de Mina do Amapá, Mãe Dulce Costa Moreira. C'est un effort pour préserver la mémoire des personnes qui ont également aidé à construire la religion Tambor de Mina. Il s'agit d'une discussion et d'une réflexion sur l'histoire régionale, utilisant l'histoire orale comme base théorique ; l'analyse documentaire de la Fédération Umbandista do Amapá (dirigée par Mãe Dulce), discours officiels et mémoire, basée sur Le Goff (1990). La proposition est de sauver les histoires quotidiennes de Mãe Dulce, dans le trafic et la construction de la religion afro-amérindienne à Amapá. Le travail sera développé au Terreiro de Mina Mina Nagô Santa Bárbara et cherche à sauver des histoires de la vie de la prêtresse de 1963 à 2007. La recherche cherche également à montrer comment l'intolérance religieuse est présente dans la culture afro-religieuse, dans les terreiros de l'Amapá.

Mots-clés: Mãe Dulce. Terreiros de l'Amapá. Culture et religions afro-amérindiennes. Tambor de Mina.

Lista de Imagem

Imagem 1 – Imagens de Santa Bárbara no Terreiro de Santa Bárbara	25
Imagem 2 – Orixá Oyá/Iansã	26
Imagem 3 – Fachada/entrada do Terreiro de Santa Bárbara	27
Imagem 4 – Missa no Terreiro no dia de Santa Bárbara	28
Imagem 5 – Procissão de Santa Bárbara pelo bairro Santa Rita	29
Imagem 6 – Vista da porta do terreiro para o meio do Centro	30
Imagem 7 – Sessão de 11 de setembro de 2019	34
Imagem 8 – Caboclo Tupiaçu (no Prof. Mair Melo) e Caboclo Pena Forte (na Mãe Dulce)	39
Imagem 9 – Visita de Pai Euclides (Fanti-Ashanti) no Terreiro de Santa Bárbara, no meio. A esquerda Prof. Mair Melo e a esquerda, Mãe Dulce	39
Imagem 10 – Carteira de federado da Federação dos Umbandistas do Amapá, frente	44
Imagem 11 – Carteira de federado da Federação dos Umbandistas do Amapá, verso	44
Imagem 12 – Mãe Dulce representando Mãe Menininha do Gantois no desfile de 13 de Setembro no “carro dos Orixás” na década de 1980	46
Imagem 13 – Convite para missa de 7º dia de falecimento de Mãe Dulce	48
Imagem 14 – Convite para a missa de 6º mês de falecimento de Mãe Dulce	48
Imagem 15 – Lembrança da missa de 7º dia de falecimento de João “Piloto” Moreira	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEFE – Centro Espirita Frei Evangelista

FEAP – Federação Espírita do Amapá

F.E.U.B.T.F.A. – Federação Espírita Umbandista Beneficente do Território Federal do Amapá

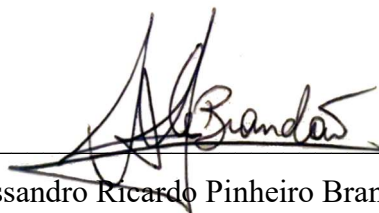
T.F.A. - Território Federal do Amapá

SUMÁRIO

Agradecimentos	5
Dedicatória	6
Resumo	7
Abstrait	8
Lista de imagens	9
Lista de abreviaturas e siglas	10
Introdução	13
1. CONSTITUIÇÃO DAS RELIGIÕES AFRO-AMERÍNDIAS NO AMAPÁ	15
1.1 Anunciação de uma nova religião	14
1.2 Espiritismo versus Umbanda	18
1.3 A diferença das religiões afro-ameríndias no Amapá	21
2. TAMBOR DE MINA	22
2.1 Tambor de Mina do Maranhão	22
2.2 Terreiro de Mina Nagô Santa Bárbara	24
2.3 8 de maio de 1963 – Festa da Cabocla Mariana	35
3. MEMÓRIA (S) DE MÃE DULCE	37
3.1 Trajetória religiosa: o papel da sacerdotisa	38
3.2 Trajetória política: desafios	34
3.3 A queda	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	56

Autorizo a reprodução desta dissertação.

Macapá-AP, 15 de abril de 2022.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'A. Brandão', is written over a horizontal line. The signature is stylized and somewhat abstract.

Alessandro Ricardo Pinheiro Brandão

Introdução

Abra-te os portões, oh linda. Portões de Jurema azul, chamando por todos os caboclos de pena amarela pra vir trabalhar... (Cantiga para abrir trabalhos no Congá de São Jorge).

As motivações das questões aqui debatidas surgiram a partir de minha experiência como religioso, *abian*¹, e hoje, *Ìyàwó*² das religiões de Matriz Africana e por fazer parte do Movimento Juventude Terreiros do Amapá. Posteriormente, como jornalista, pesquisamos acerca das Religiões Afro-ameríndias no Amapá na mídia brasileira, a respeito da abordagem da intolerância religiosa praticada pelos jornalistas, posições de agentes políticos e líderes desses movimentos, que me permitiram observar de perto os conflitos constantes entre os representantes-interlocutores de comunidades tradicionais, mais particularmente dos “Povos Tradicionais de Terreiro”, o que me fez refletir sobre a importância desses agentes no processo de formação histórica e institucionalização das religiões no estado do Amapá. Tendo como objeto de estudo a fundação do primeiro terreiro de Tambor de Mina do Amapá, aqui se apresenta as memórias sobre a figura da sacerdotisa Dulce Costa Moreira, no período de 1963 a 2007, do seu primeiro toque de tambor ao tombo que levou à sua morte. Alguns conflitos aqui serão colocados em questão, tais como a configuração da intolerância religiosa sofrida pelos afro-religiosos, pelo desconhecimento do âmbito cultural e social. Os diálogos, as falas de determinados grupos não fazem parte da tradição religiosa africana. Diante da diversidade e realidade vivenciada por essas comunidades não é possível falar de uma representatividade sem levar em conta toda a trajetória social, política e humana dessas comunidades e sem lembrar da pioneira desse movimento político-religioso, Mãe Dulce. Questão relacionada à violência causada pelo racismo religioso, ao racismo institucional, ao descompasso existente entre a aplicação de algumas políticas públicas, utilizaremos a nomenclatura adotada pelas respectivas instituições, respeitando a forma como os termos aparecem nos documentos e a sua historicidade. Para conservar certas informações, usaremos a memória coletiva e a individual. A partir dos conceitos e metodologias da História Oral, etnografia, documental/oficial e de resgate de dados da sociedade amapaense na década de 60 do século XX a 2007. A finalidade é traçar um “padrão” que possa ser trabalhado como exemplo e aplicado junto aos objetos empíricos. Nesse sentido, e considerando esse cenário, é necessário levantar quais questões vêm acentuando esses conflitos - o que demanda

¹ A partir do momento em que “bolou” no santo, ou seja, sentiu a primeira energia (incorporação) do Orixá, o fiel é considerado um *abian* – termo dado aos iniciantes na religião de Candomblé. Porém, não ter iniciado “para” o Santo ainda.

² *Iaô* (em iorubá: *Ìyàwó*) é como são designados os filhos de santo que já passaram pela iniciação no candomblé, popularmente conhecida como “feitura de santo”, mas que ainda não completaram o período de 7 anos após a iniciação.

compreender os conceitos de liderança e hierarquia que permeiam as comunidades de terreiro - e o perfil dos canais de participação sócio estatal avançados por Mãe Dulce. Aprofundar esse processo de construção real do desenvolvimento das religiões afro-ameríndias leva, também, em consideração que, além da representação, liderança, a participação social que customizou o legado e a perpetuação da memória afetiva e política da sacerdotisa ainda estão presentes durante mais de uma década após a sua morte. Partindo de uma revisão bibliográfica composta pelos principais autores e sociólogos das áreas de cultura e religião: Pierre Bourdieu (2007), Clifford Geertz (2008), Stuart Hall e Reginaldo Prandi (1991). Por isso, abordaremos no primeiro capítulo sobre as constituições das religiões afro-ameríndias no Amapá, a fim de aprofundar a análise de suas fundações e de como foram aceitas na sociedade da época, além da diferença entre elas. No segundo capítulo, explicaremos de forma etnográfica os desenvolvimentos, sessões, festas e eventos do Terreiro de Mina Nagô Santa Bárbara, comandado pela Mãe Dulce, assim como sua chegada ao Ex-Território Federal do Amapá, criação dos filhos e o perfil que a sacerdotisa passava aos seus fiéis no terceiro capítulo.

1. CONSTITUIÇÃO DAS RELIGIÕES AFRO-AMERÍNDIAS NO AMAPÁ

Muitos estudos comprovam e analisam a migração de brasileiros dentro do próprio país, bem como os impactos econômicos e territoriais desse fenômeno. Quais seriam os choques e as forças culturais envolvidos nesse processo de transição espacial no passado para o presente? Cabe aos historiadores, sociólogos e antropólogos as circunstâncias analíticas de adequar à academia esses saberes e perpetuar o que foi aquele artifício.

Os objetos aqui ponderados são os processos históricos que levaram à migração de negros africanos (leia-se, escravizados) e retirantes do nordeste brasileiro ao extremo norte do país, o Amapá, até à constituição da religião de Tambor de Mina em terras amapaenses, religião amazônica, executada por pajés, “mineiros” e sacerdotes de outras religiões afro-ameríndias. Assim como na chegada dos negros escravizados à Amazônia recém-colonizada, entre 1770 e 1776, à Belém-PA e depois até à cidadezinha de Mazagão (hoje, um distrito, Mazagão Velho) no Amapá. Incorporando a festa cristã em homenagem a São Tiago no calendário festivo desde 1777, no mesmo período histórico da finalização da construção da Fortaleza de São José de Macapá por negros e índios escravizados na província dos Tucujus, hoje capital do Estado do Amapá. Os que introduziram as culturas negras, sincretizadas com as ameríndias já aqui estabelecidas. Outro fato que culminou com a apropriação de outras culturas, foi a chegada dos retirantes nordestinos e de outras regiões da Amazônia em busca de trabalho no recém-criado Território Federal do Amapá³, onde oportunidades administrativas, atividades produtivas e de obras públicas aconteciam a todo o momento no período. Seja por convite do futuro governador ou tentando a sorte como outros que acompanhavam o anúncio de um novo “estado” pelos jornais e revistas da época.

³ Extinto em 1988 com a promulgação da Constituição Federal de 1988.

1.1 Anunciação de uma nova religião

Muitos têm medo, porém a curiosidade em aprender e desmistificar as religiões de matriz africana sobressaem no rompimento do preconceito e ignorância. Por outro lado, uma religião simples, com uma história completa e sem dogmas.

Se julgam atrasados espíritos de pretos e índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho⁴, para dar início a um culto em que estes pretos e índios poderão dar a sua mensagem e, assim, cumprir a missão que o Plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem saber meu nome que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim (OLIVEIRA, 2009, p. 64 apud GUIMARÃES, 2002).

Completados 113 anos de “anunciação”, a Umbanda no Brasil nasce das entranhas do racismo contra índios e afrodescendentes praticado por espíritas kardecistas no Rio de Janeiro. A Umbanda surge no dia 15 de novembro de 1908, na cidade de Niterói-RJ, com o jovem Zélio Fernandino de Moraes. Segundo a família de Zélio, que foi entrevistada em 1972 por Ronaldo Linhares, como consta em seu livro, algumas práticas paranormais estariam acontecendo com o jovem, na época com 17 anos:

Às vezes, ele assumia a estranha postura de um velho, falando coisas aparentemente desconexas, como se fosse outra pessoa e que havia vivido em outra época. Em certas ocasiões, sua forma física lembrava um felino lépido e desembaraçado que parecia conhecer todos os segredos da Natureza, os animais e as plantas (LINHARES; TRINDADE; COSTA, 2010, p.21).

Os pais de Zélio chegaram a levar o menino “doente” ao médico, e até a um padre. Após um diagnóstico do sacerdote, achava-se que ele estava possuído e o submeteram a um ritual de exorcismo. Porém, nada mudou e os “sintomas” persistiram. Seus familiares acharam que era melhor levá-lo à Federação Espírita de Niterói. Então, no referido 15 de novembro de 1908, ele foi à Federação e foi convidado por José de Souza, dirigente da Federação, a sentar-se à mesa. Antes de iniciar os trabalhos, Zélio disse que ali faltava uma flor; subitamente levantou-se, foi ao jardim e apanhou uma rosa branca, que foi colocada no centro da mesa.

Zélio incorporou um espírito e simultaneamente diversos médiuns apresentaram incorporações de caboclos e preto-velhos. Advertido pelo dirigente da mesa, a entidade incorporada no rapaz perguntou por que era proibida a presença daqueles espíritos. Outro médium, que tinha o dom da vidência, quis saber da entidade o porquê dela falar daquele modo, pois via que era um padre jesuíta e lhe perguntou o nome (OLIVEIRA, 2009, p. 64).

Então o dirigente do centro espírita perguntou qual era o nome do espírito, que respondeu:

Se é preciso que eu tenha um nome, digam que eu sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois para mim não existirão caminhos fechados. Venho trazer a

⁴ O termo “aparelho” ou “cavalo” na Umbanda vem sendo substituído pelo “médium” da doutrina espírita. Que neste caso, o espírito fala de Zélio de Moraes.

Umbanda, uma religião que harmonizará as famílias e que há de perdurar até o fim dos tempos (LINHARES; TRINDADE; COSTA, 2010, p.22).

Após mais algumas perguntas de José de Souza, o Caboclo das Sete Encruzilhadas disse:

Amanhã (16 de novembro), na casa onde meu aparelho mora, haverá uma mesa posta a toda e qualquer entidade que queira se manifestar, independentemente, daquilo que haja sido em vida, todos serão ouvidos e nós aprenderemos com aqueles espíritos que souberem mais e ensinaremos aqueles que souberem menos e a nenhum viraremos as costas nem diremos não, pois esta é a vontade do Pai (LINHARES; TRINDADE; COSTA, 2010, p.23).

E no dia 16 de novembro de 1908, na casa de Zélio, em São Gonçalo, perto das 20 horas, estavam presentes do lado de fora da casa os membros da Federação Espírita de Niterói, parentes, amigos, vizinhos e uma multidão de desconhecidos. Pontualmente às 20 horas, o Caboclo das Sete Encruzilhadas incorporou em Zélio e iniciou o culto. As autoras Maria Helena Concone e Eliane Rezende observam a contribuição de ambas as religiões que por ora se enfrentaram na história e que se estabeleceram unidas no decorrer desses fenômenos:

As relações entre umbanda e espiritismo, não podemos nos esquecer de que a cosmologia umbandista incorpora elementos da cosmologia espírita, e não podemos deixar de considerar, na formação das religiões de matriz africana no Brasil, o sincretismo religioso interafricano e tampouco e a ressignificação de elementos de outras realidades religiosas, especialmente a incorporação primeira de elementos cristãos pela via do catolicismo dominante no tempo da escravidão (CONCONE e REZENDE, 2012, p. 204).

A formação da história da Umbanda, em 1908, se repete, na década de 1950, no Amapá. A fundamentação e origem se alinham na mesma compreensão do que seja a Umbanda e o Espiritismo, causando hesitação nas suas doutrinas.

1.2 Espiritismo versus Umbanda no Amapá

As duas religiões espiritualistas se cruzam em suas constituições no Amapá, mas especificamente na capital, em Macapá, pois seus membros eram praticantes de ambas as religiões. Segundo Decleoma Pereira (2008), “de 1958 a 1965 o culto espírita é praticado exclusivamente na Capital do Território”. Vindo com imigrantes de outros estados brasileiros para esse torrão no extremo norte do Brasil, alguns se destacaram. Como conta a autora:

Dentre estes imigrados se destacavam o militar e professor de Educação Física, Irineu da Gama Paes, proveniente do Rio de Janeiro e o senhor Ermínio Amorim, um cearense, que viria a ser o Chefe do Serviço de Eletricidade do Hospital Geral de Macapá. Ambos eram praticantes da Umbanda em seus respectivos Estados. A eles juntaram-se os senhores Severino, amapaense do interior; Agenor Melo, paraense; Juvenal Canto, na época motorista de táxi e oriundo da cidade de Óbidos, no baixo Amazonas. Além do casal João Batista (seu Piloto) e dona Dulce Moreira, paraenses, ela se ocupava da função de dona de casa e ele de funcionário público (PEREIRA, 2008, p. 123).

Os primeiros cultos de espiritismo no Amapá aconteceram na residência de José Ermínio Amorim, localizado na Avenida Mendonça Furtado, nº 963, de esquina com a Rua Jovino Dinoá, no bairro Central, segundo Juvenal Canto (2019). Por conta do grande número de umbandistas nas sessões, alguns trabalhos da doutrina kardecista passaram a se misturar com os cultos de Umbanda. Manifestações de entidades umbandistas como “Cabocla Aruana, Mestre Gamba, Cabocla Jurema, Caboclo Pena Forte [...], dentre outros, além do próprio patrono do centro espírita, Frei Evangelista⁵, aconteciam na mesma reunião religiosa”.

Após as reuniões repentinas e a necessidade de um espaço maior para os cultos, no mandato do governador Pauxy Nunes (1958-1961) foi doado um terreno. Localizado na Rua Leopoldo Machado, nº 1710, bairro Central, Macapá-AP. Por meio de doações de membros e adeptos, foi construído o Centro Espírita “Frei Evangelista” (CEFE) com a finalidade de promover as reuniões mediúnicas, dando passagem para entidades da Umbanda, do Espiritismo Kardecista e estudos da doutrina espírita codificada por Allan Kardec (PEREIRA, 2008, p. 123). Os cultos de Umbanda eram executados em um pequeno quarto, sem portas, localizado atrás do grande salão do CEFE com altar de Santos Católicos e imagens de caboclos de Umbanda (CANTO, 2019).

Ainda na mesma década de 60 do século XX, chegaram ao Território outros praticantes do Espiritismo, com a formação de um novo grupo e o pedido de separação das doutrinas umbandista e espírita:

Estas pessoas entendiam o espiritismo de outra maneira, daí porque passaram a combater a união da Umbanda com o Espiritismo. Entendiam o espiritismo a partir

⁵ Espírito de um frei, onde prestou serviços à Igreja Católica no estado do Amazonas, no qual o médium Irineu da Gama Paes o incorporava com mais frequência e seguindo seus conselhos espirituais, virou patrono do primeiro centro espírita do Amapá (CANTO, 2019).

da doutrina kardecista que se baseia nas seguintes obras: “O Livro dos Espíritos”, “Evangelho Segundo o Espiritismo”, “O Livro dos Médiuns”, “A Gênese”, “O Céu e o Inferno”. Portanto, não admitiam práticas cuja doutrina não recomenda como, por exemplo, a prescrição de banhos e a realização das festas de santos católicos (PEREIRA, 2008, p. 125).

Uma nova identidade era criada, do espiritismo dito “puro” feito por um grupo liderado por Luiz Gonzaga Pereira de Souza, onde a aproximação com a Umbanda não poderia prosseguir. Ainda segundo Pereira (2008, p. 126), houve conflitos com o grupo anterior, que possuía uma entidade representativa que articulava suas ações com os Poderes Executivo e Legislativo. O que persistiu até 16 de julho de 1977, com a fundação da Federação Espírita do Amapá (Feap), “com a finalidade de unificar, orientar, coordenar e dinamizar o Movimento Espírita no Amapá, em cumprimento ao que estabelece o Pacto Áureo de Unificação das Sociedades Espíritas no Brasil, assinado em 05 de outubro de 1949, no Rio de Janeiro”⁶

Em sua autobiografia, Luiz Gonzaga Pereira de Souza, descreve a chegada do espiritismo e como trouxe mais profundamente a doutrina de Allan Kardec.

Quando retornei do Rio de Janeiro e que fixei residência em Macapá, iniciei minha campanha corajosa da divulgação do espiritismo nos seus aspectos científico, filosófico e religioso. Fiz alguns artigos no jornal do Governo, visitei alguns Centros Espíritas que viviam restritos a um ambiente fechado, devido a temerosa aceitação da população, em razão da cidade de Macapá e seu povo terem sido criados sob a inspiração de religiões contrárias ao Kardecismo, propositadamente confundido como "macumba". Irritado com a pressão existente contra o espiritismo, por parte de alguns sacerdotes irreverentes e radicais, lancei-me à luta com destemor (SOUZA, 1981, p. 121).

Assim como conta Pereira (2008), Luiz Gonzaga confirma os conflitos liderados por ele sobre a separação dos cultos da Umbanda e Espiritismo em Macapá.

Fui um tanto injusto com os umbandistas, de quem hoje tenho tido provas de humildade e fraternidade. Foi nessa luta que encontrei apoio de Otávio Francisco dos Santos, Ivanilde Santos, Zilomar Vicente da Rocha e Silva, Neuza Silva, Palmira Duarte, José Maria Frota, Zilda Oliveira de Almeida, Raul Clemente, Paulo Callins, Izaac Taves de Souza, Missias do Espírito Santo, Miguel Gantuss, Oswaldo Piracicaba Malvão, Amorim, Agenor Melo, Casimiro, Nair Gama, Raimunda Penha, Maria Barbosa, Ataide⁷, Ceará, Severino, Irineu e outros mais, cujos nomes não

⁶ Das finalidades da FEAP definidas no Art. 3º do Estatuto da Federação Espírita do Amapá – FEAP. Atualmente integram a FEAP nove entidades civis: As pioneiras são: Centro Espírita “Frei Evangelista”, localizado na Rua Leopoldo Machado, 1710, bairro Central e Centro Espírita “Irmãs Caritas”, Av. Nações Unidas, 391, bairro Laguinho; Grupo Espírita “Fabiano”, av. Áurea Cambraia de Castro, s/n lote 13, Novo Horizonte; Centro Espírita “Oswaldo Piracicaba Malvão”, rua Alexandre Ferreira da Silva, 2745, Jardim Felicidade; Casa Espírita Allan Kardec, av. Castelo Branco, 1712, Santana; Grupo Espírita “Missionários da Luz”, situado no bairro Zerão, Rua Antônio Pinheiro Lisboa, 88; Centro Espírita “Casa de Amor”, rua Pedro Furtado, 205, Infraero I; Centro Espírita “Bezerra de Menezes”, rua Carlos Drummond de Andrade, 1517, Congós; Centro Espírita “Chico Xavier”, av. Tancredo Neves, 375, Laranjal do Jarí; e a sede da Federação Espírita do Amapá, à rua Odilardo Silva, 1131, Centro, Macapá, Amapá.

⁷ Acreano, primeiro alfaiate do extinto Território Federal do Amapá, na qual fez roupas para o então governador Coronel Janary Gentil Nunes. Foi braço direito de Pai Marcos de Oxóssi na Tenda São Sebastião de 1959 a 1999, ano de sua morte.

estou lembrado, mas que nem por isso deixam de ter o mérito no desempenho humilde eficiente da divulgação do Espiritismo no Território Federal do Amapá (SOUZA, 1981, p. 121).

Em entrevista com o filho de mãe Dulce, Humberto da Costa Moreira (anexo 1), disse que nunca teve notícia ou nunca soube de brigas ou conflitos entre sua mãe e Luiz Gonzaga:

Eu na realidade, não lembro da de alguma incidência entre eles, que o seu Luiz era muito amigo dela. A família dele era nossa amiga, e na realidade eles teriam que ir de alguma forma cada um seguir o seu caminho. Então a minha mãe foi fazer a Federação da Umbanda com o meu pai. E eles foram fazer a federação espírita kardecista, né? Mas continuavam amigos, a minha mãe continuou frequentando lá o Frei Evangelista sem problema eu conheço seu Luz de lá, é a essa altura eu já estava envolvido com imprensa aqui e eles todos me tratavam muito bem, não tinha problema com ninguém, né? (MOREIRA, 2021).

Embora possuam elementos em comum, são duas religiões muito distantes no que diz respeito aos seus rituais.

1.3 A diferença das religiões afro-ameríndias no Amapá.

Diferentemente de outras religiões monoteístas ocidentais, a umbanda e o candomblé não possuem uma tradição escrita marcada por um livro sagrado, como a bíblia, a torá e o corão. As religiões afro-ameríndias têm muito em comum, nos ritos africanos e indígenas, e uma tradição marcada essencialmente pela oralidade e pelo aprendizado litúrgico direto por meio da prática cotidiana da religiões de terreiro⁸.

No Amapá, os primeiros registros fotográficos e documentais sobre a Umbanda, segundo Brandão (2018), aparecem a Tenda Espírita São Sebastião Harmonia e Caridade, de Marcos Farias dos Santos⁹, Pai Marcos de Oxossi:

Com fundação datada em 20 de janeiro de 1959, na cidade de Macapá, no então, Território Federal do Amapá. Pelo Babalorixá Marcos Farias dos Santos e seus colaboradores (filhos de Santo), Professor Benedito Alves Cardoso, Ataíde José de Lima e Raimundo Nonato da Silva. Tendo a sua primeira sede na Avenida Professora Cora de Carvalho, 292, bairro Central, Macapá-AP, no quintal da casa do Pai Marcos de Oxóssi. Precisando de um espaço maior para desenvolver seus trabalhos, a Tenda muda de endereço e sobe para a Favela (bairro recém construído e disponibilizado pelo Território Federal do Amapá), na Avenida Mendonça Furtado, nº 1424, bairro Santa Rita, no centro da capital amapaense (BRANDÃO, 2018, p. 107-108).

As mesas brancas mediúnicas¹⁰, oriundas do kardecismo, também presentes na Umbanda (BRANDÃO, 2018, p. 107) são práticas relacionadas às duas religiões. Distintivamente do Candomblé e do Tambor de Mina, que caracterizam suas práticas aos cultos aos Voduns e Orixás. A Umbanda e o Tambor de Mina têm relação com o culto aos Encantados¹¹ e Caboclos¹². Já a Umbanda e o Candomblé têm relação com as vibrações e energia dos Orixás.

⁸ Local onde são realizados os rituais religiosos das religiões afro-ameríndias.

⁹ Militar de carreira, da Força Aérea Brasileira (FAB), transferido do Pará para a Base Aérea Americana na cidade de Amapá-AP, na década de 40, meados da Segunda Guerra Mundial. Fez parte da primeira Usina de Força e Luz de Macapá, onde foi eleito 1º Secretário da Diretoria da Sociedade Beneficente dos Servidores da Usina de Força e Luz de Macapá em 1951. Trabalhou na Susnava - Superintendência de Navegação do Território Federal do Amapá (BRANDÃO, 2018, p. 107).

¹⁰ Bastante associada à umbanda e ao espiritismo, a mesa branca é a prática da mediunidade com base nos ensinamentos de Jesus Cristo. Trata-se de uma reunião entre médiuns cujo objetivo é ajudar os espíritos obsessores a encontrarem o caminho do bem.

¹¹ Caboclos, mestres e outras entidades conhecidos nas religiões afro-brasileiras pelo nome genérico de encantados, concebidos como espíritos de homens e mulheres que passaram diretamente deste mundo para o mundo mítico, invisível, sem ter conhecido a experiência da morte: diz-se que se encantaram. Essas entidades constituem o panteão especialmente brasileiro, justaposto ao panteão de origem africana formado pelos orixás iorubanos, voduns jejes e inquices bantos (PRANDI, 2000).

¹² Espíritos e entidades indígenas.

2 TAMBOR DE MINA

2.1 Tambor de Mina do Maranhão.

Uma nova religião afro-ameríndia surge no Amapá a partir da fundação do Terreiro de Mina Nagô Santa Bárbara em 1963, conhecida por quase ninguém, um toque de tambor torna-se diferencial e referencial aos terreiros em Macapá. Para entendemos melhor as características e o que é a religião dos voduns, gentis fidalgos precisamos ver em Mundicarmo Ferretti:

O Tambor de Mina surgiu na capital do Maranhão, se expandiu pelo Pará, Amazonas, outros Estados do Norte e para as capitais que receberam grande número de migrantes do Norte, como Rio de Janeiro e São Paulo. Embora hegemônico no Maranhão, o Tambor de Mina-Jeje, Nagô, Cambinda, foi sincretizado no passado com manifestação religiosa de origem indígena denominada Cura/Pajelança e com uma tradição religiosa afro-brasileira, surgida em Codó (MA), denominada Mata ou Terecô (FERRETTI, 1997, p. 3).

Com outros elementos correspondentes de outras religiões de matriz africana e afro-ameríndias, que se adaptam e sobrevivem no Terreiro de Santa Bárbara.

A partir dos anos sessenta a Mina e a Mata passaram a ser influenciadas pela Umbanda, tanto na capital como no interior do Estado. Hoje, embora as casas de Mina mais antigas não tenham se filiado a Federações de Umbanda, muitos terreiros de Mina e de Mata adotaram a Umbanda e, apesar de continuarem realizando rituais de Mina, Mata e Cura, se apresentam como de Umbanda e participam de atividades promovidas pela Federação como: a Festa de Iemanjá, no ano novo, e a Procissão dos Orixás, no aniversário da fundação de São Luís. O Candomblé só penetrou de forma mais visível no Maranhão depois dos anos setenta, especialmente na Casa Fanti-Ashanti (FERRETTI, 1997, p. 3).

No Tambor de Mina são cultuados voduns e orixás africanos, gentis e caboclos, mas a sua organização identitária perpassa pela estrutura familiar de grupos de Encantados.

Essas entidades são organizadas em nações e em famílias, e possuem diferenças de idade bem marcadas. Mas, embora as mais velhas sejam mais prestigiadas, as mais novas (às vezes crianças) podem ser também “donas da cabeça” e podem ser recebidas em todos os toques, como: os gêmeos Tossá e Tossé e a princesa Sepazim, da família real do Dahomé (recebidos na Casa das Minas-Jeje); e Menino Da Lera (da família do Rei da Turquia) (FERRETTI, 1997, p. 3).

O Tambor de Mina, antes de chegar ao Amapá, foi levado para o Pará pelas mesmas mulheres que fundaram os terreiros maranhenses, o que identifica essa religião como tradição do Norte e do Nordeste pela aproximação e ligação dessas casas de axé com outros terreiros – relações parentais e religiosas. Conforme Silva (2015, p. 56) “em 1977, por exemplo, Francelino Vasconcelos Ferreira,

Pai Francelino de Xapanã, abriu a Casa das Minas de Tóia Jarina, seguindo a forma de culto aos voduns no Maranhão” em Belém-PA.

Como citado no início desse trabalho, os negros escravizados iniciaram o Tambor de Mina. Arrancados da sua pátria-mãe, estabeleceram aquela que seria – após o culto da ancestralidade indígena – o maior fenômeno religioso dos amazônidas. “Em finais do século XIX, ex-escravos começaram a deixar de esconder seus ritos e abriram seus terreiros para cultuar seus deuses” (SILVA, 2015, p. 57), trazendo suas lembranças e esperanças daquela que seria o seu berço. Dessa maneira, os terreiros funcionam como um pedaço da África na Amazônia, mantenedora de sua identidade cultural.

Por essa riqueza cultural e pelo próprio sincretismo presente no culto, sendo quase impossível separar do Tambor de Mina, o catolicismo popular e a Encantaria, os terreiros também celebram missas católicas em seus templos com apoio de sacerdotes, além da realização de rituais de Pajelança. No que diz respeito a esses conceitos, Silva (2015, p. 68-69) traz essa comparação:

É possível ver uma integração entre a Encantaria e o Tambor de Mina, pelo encontro de voduns, orixás e entidades. O que poderia ser motivo de confrontos é, ao contrário, comunhão e respeito de diferenças simbolizadas pelo mundo espiritual. A mina tem em seus voduns e orixás a representação africana; na Encantaria, encontramos os gentis (nobres europeus, como D. Sebastião) e dos gentilheiros (fidalgos não nobres) da cultura europeia, além, logicamente, dos índios, representantes dos nativos de nosso continente, homenageados em dias especiais do ano.

Durante todo esse trabalho continuaremos no diálogo, por meio de entrevistas, para além dos dizeres sobre a experiências dos indivíduos que tiveram contato com a Mãe Dulce, mas se observarmos com atenção, veremos esta memória já materializada nos descendentes carnavais, espirituais e em outros terreiros do Amapá. Muitos repassam seus dizeres, provas, ensaios e curas, partimos da ideia de memória pronta, ou seja, esta memória não parte das vivências de alguns entrevistados, mas sim de uma memória já construída e que é coletiva. Onde segundo Alessandro Portelli, “a memória torna-se coletiva, quando separada do individual” (2006, p. 127), com que nesses casos não são diferentes, como se a história já estivesse escrita e fosse apenas aquela face de Mãe Dulce, ou seja, esta memória coletiva já é uma história para muitas pessoas. A fim de explorar outras narrativas e expandir os conhecimentos sobre o terreiro e a mãe Dulce, entrevistamos filhos de santo do Terreiro de Santa Bárbara que entraram para o templo anos depois de sua morte, para entender o desígnio da sacerdotisa nos dias atuais.

2.2 Terreiro de Mina Nagô Santa Bárbara

Sobre a construção identitária das religiões afro-ameríndias nesta região também perpassa pela formação do sincretismo religioso¹³. Segundo Freyre (1958 apud SANTOS, 2018, p. 43), apesar da imposição da cultura e da religião dos brancos, os africanos conseguiram manter muitos costumes, tradições e mesmo ritos religiosos. Neste sentido, a mistura entre os cultos proporciona várias formas de expressões do sincretismo religioso.

Ao longo dos períodos da formação social brasileira, as religiões de matrizes africanas conseguiram criar e organizar estratégias contra as perseguições políticas e ideológicas perpetradas com o aparato religioso cristão. Verificamos que, em um primeiro momento, no período da Colônia, o sincretismo religioso foi um dos subterfúgios para a sobrevivência dos cultos e religiosidades africanas no Brasil (SANTOS, 2018, p. 37).

De acordo com a hagiografia¹⁴, Bárbara nasceu na Nicomédia, no século III, filha de uma família que não professava o Cristianismo. Os textos hagiográficos ressaltam a tentativa de os pais a iniciarem na “religião pagã” e a sua persistência em tornar-se uma serva de Cristo. A jovem era considerada muito bela e tinha “grandes qualidades de espírito”. O pai temia que a tendência religiosa da filha prejudicasse o seu plano de encontrar um bom pretendente para a realização do casamento. Resolveu, então, trancá-la numa torre para receber aulas de Ciências e melhor conhecer os deuses. Porém, essa reclusão serviu para Bárbara se dedicar mais à religião Cristã e receber o batismo (COUTO, 2004, p. 84).

A crença popular revela que, após receber uma proposta de casamento de um jovem de “posição e alta linhagem”, Bárbara, mesmo insatisfeita, aproveitou a ocasião. Dioscoro, antes de partir para uma viagem, atendeu aos apelos da filha. A jovem começou a realizar encontros com os cristãos em sua nova morada e provocou a ira paterna. Depois de uma discussão na qual o pai a ameaçou com uma espada, ela refugiou-se numa gruta. A partir do momento em que esse esconderijo foi descoberto, começou o seu martírio. Ela foi encarcerada e torturada. Como resistisse às sessões de tortura, foi condenada à morte e conduzida nua pelas ruas da cidade, para ser insultada pela multidão. O pai foi o responsável pelo golpe de espada que a matou, sendo em seguida surpreendido por um temporal e morto por um raio (COUTO, 2004, p. 85).

¹³ O sincretismo religioso é a mistura de uma ou mais crenças religiosas em uma única doutrina.

¹⁴ Biografia ou estudo sobre biografias de santos.

Imagem 1 - Imagens de Santa Bárbara no Terreiro de Santa Bárbara



Fonte: Alessandro Brandão, 2019

A semelhança entre a Santa Católica e a Orixá começa pelo detalhe de suas lendas, histórias e simbologias:

A iconografia de Santa Bárbara acabou incorporando muitos dos aspectos de sua lenda. É comum vermos uma torre com três janelas no fundo de suas representações ou sendo carregada como símbolo da fortaleza da fé em seus braços. A palma em uma de suas mãos nos mostra seu martírio e o triunfo de Cristo sobre a morte. O santo que a carrega foi mártir e testemunha da ressurreição. Bárbara está coroada pelo mesmo motivo. Outros dois atributos comuns são um cálice, símbolo da comunhão cristã e da remissão dos pecados pelo sangue do Nazareno. Ela o carrega como forma de deixar clara sua conversão irrevogável e a oferece a quem a vê. Na outra mão, comumente, a espada com que seu pai a decapitou, símbolo de seu martírio e do exemplo paulino. Paulo escreveu a seu discípulo Timóteo no fim da vida (o santo também teve a cabeça decepada): "Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé" (2Tm 4,7) (KARNAL, 2018, p. 166).

Iansã é o orixá do rio Níger e do fogo, controla os ventos, os raios e as tempestades. Foi a primeira esposa de Xangô, o senhor do trovão, e dele roubou o poder de controlar o fogo. Quando representada por imagem ou quando incorporada, o filho ou a filha de santo carrega uma espada (COUTO, 2018, p. 205).

Imagem 2 - Orixá Oyá/Iansã



Fonte: Umbanda Amino Disponível em:

As semelhanças, comparadas por Karnal (2018), levam a crer na associação que tem a ver com a mestiçagem entre as divindades:

O que uma santa abnegada tem a ver com um orixá sangue quente e algo egoísta? A Umbanda, por exemplo. Santa Bárbara/Iansã talvez nasça da associação atlântica e mestiça entre a entidade e o raio de justiça, a proteção clara que fornece aos fiéis que dela necessitam numa tempestade (real ou metafórica). A cor de seus mantos, vermelha, também as aproxima, ainda que uma simbolize o sangue do martírio, a confirmação da Paixão do Salvador, e a outra seja símbolo da natureza explosiva. A espada nas mãos delas, então, nem se fala! Têm naturezas teológicas distintas, mas quem se interessa por teologia quando se precisa de uma intervenção de um santo ou orixá? (KARNAL, 2018, p. 170).

Esse sincretismo também está presente no terreiro de Mãe Dulce, mantido por suas filhas, ex-consulentes e frequentadores do Terreiro de Santa Bárbara. Para Pierre Bourdieu, o processo dessa tradição religiosa é um instrumento de manutenção estrutural:

A primeira tradição trata a religião como uma língua, ou seja, ao mesmo tempo enquanto um instrumento de comunicação e enquanto um instrumento de conhecimento, ou melhor, enquanto um veículo simbólico a um tempo estruturado (e portanto, passível de uma análise estrutural) e estruturante, e a encara enquanto condição de possibilidade desta forma primordial de consenso que constitui o acordo quanto ao sentido dos signos e quanto ao sentido do mundo que os primeiros permitem construir (2011, p. 29).

Imagem 3 -Fachada/entrada do Terreiro de Santa Bárbara



Fonte: Alessandro Brandão, 2019

O grande e maior festejo do terreiro é no dia quatro de dezembro, dia da padroeira do templo, Santa Bárbara. Que leva esse nome por conta de ser a Orixá de cabeça¹⁵ da fundadora do templo, Mãe Dulce.

Os festejos começam com a missa, regida por um padre católico, havendo alternância de sacerdotes da Igreja durante os anos.

¹⁵ Orixá regente da cabeça, vida, do médium.

Imagem 4 - Missa no Terreiro no dia de Santa Bárbara



Fonte: Alessandro Brandão, 2019

Após a missa, segue em procissão pelas ruas próximas do terreiro. Saindo pela rua Professor Tostes, dobrando na Avenida Raimundo Álvares da Costa, retornando pela Rua Manoel Eudócio Pereira até entrar novamente a Prof. Tostes e adentrar no Terreiro de Santa Bárbara.

Imagem 5 - Procissão de Santa Bárbara pelo bairro Santa Rita



Fonte: Alessandro Brandão, 2019

Depois que a imagem peregrina retorna para dentro do templo, os fiéis se preparam para o toque do Tambor de Mina. Após todos arrumados e com marcações¹⁶ vermelhas e brancas padronizadas, mulheres de camisa branca e saia vermelha, homens de camisa vermelha e calça branca, cores da Santa, começam a festa religiosa de cultos afros.

Durante toda a festa, enquanto os tambores estão tocando, são servidas aos convidados, simpatizantes e entidades (incorporadas) bebidas alcoólicas, tipo cerveja. Outras casas de Tambor de Mina se fazem presentes na festa, mesmo sem o convite oficial das dirigentes do Terreiro, pois se tem conhecimento na cidade de que há a festa em homenagem a Santa Bárbara naquele dia. O dia 4 de dezembro nunca ficou sem festa em louvor à Santa, nem mesmo no período mais crítico da pandemia de Covid-19, em que o festejo foi de portas fechadas apenas para alguns Filhos de Santo. O uso de máscaras, álcool em gel e outras medidas sanitárias eram obrigatórias aos participantes.

¹⁶ “Marcações” são trajes comuns em rodas de Tambor de Mina, comparada aos uniformes/fardas de festas, seriam a roupa padrão dos médiuns rodantes e abatazeiros.

Imagem 6 - Vista da porta do terreiro para o meio do Centro



Fonte: Alessandro Brandão, 2019

Fora as festividades de Entidades e Santos no Terreiro de Santa Bárbara, toda a quarta-feira, no final da tarde, as sacerdotisas Maria do Socorro Costa Moreira (Mãe Socorro de Oxum) e Maria Jaguarema Costa Moreira (Mãe Jaguarema de Ogum) conduzem o desenvolvimento de médiuns e Filhos de Santos do terreiro. São acesos pontos riscados ao meio do salão, ao redor possui 12 banquinhos de madeira de cor branca feitos de forma artesanal na qual todos se sentam para doutrinar os cânticos e rezas após tomarem benção da sacerdotisa dirigente da sessão.

Assim como fora feito na presença de Mãe Dulce, na condução do Terreiro, as atuais dirigentes mantêm a tradição de rezas e pontos cantados tal e qual desde a fundação do Terreiro de Santa Bárbara.

Podemos entender que o fazer etnográfico advém da Antropologia, porém dialoga com muitas outras ciências, inclusive a História. Observações, conversas, entrevistas informais fazem parte do processo de investigação.

A prática da pesquisa de campo etnográfica responde, pois a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico a partir de uma inter-relação entre o(a) pesquisador(a) e o(s) sujeito(s) pesquisados que interagem no contexto recorrendo primordialmente as técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, as entrevistas não-diretivas, etc. (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 1)

Nesse sentido, partiremos da premissa de que a interpretação da linguagem dependerá da interpretação dos contextos e situações sociais nas quais ocorrem. Advindo da antropologia interpretativa proposta por Geertz (1989), na qual a etnografia permite uma leitura social dos “fluxos de comportamento”, das ações dos indivíduos dentro de uma cultura. Essas ações são expressivas nas práticas e nos discursos. Assim, a etnografia apresenta-se como uma prática interpretativa, bem como os demais campos de produção do conhecimento humano, produto de uma complexa hermenêutica orientada por teorias e práticas a partir das quais se produz a análise social (MARINHO, 2017, p. 46).

Após semanas acompanhando as sessões de desenvolvimento no Terreiro, podemos entender a padronização dos pontos cantados e suas sequências. No primeiro ato ocorre a defumação de todo o templo e objetos que serão usados no ritual, como panos e fios de conta.

Abertura de Trabalhos (rezas/orações):

- 1) *Prece de Cáritas;*
- 2) *Pai Nosso;*
- 3) *Ave Maria;*

Abertura de trabalhos (pontos):

- 1) *Preto-velho;*
- 2) *Xangô;*
- 3) *Ogum;*
- 4) *Iansã;*
- 5) *Oxum;*
- 6) *Iemanjá*
- 7) *Nanã;*
- 8) *Oxóssi;*
- 9) *Rei Sebastião;*

Chamada de Caboclos:

*Eu vi meu pai assobiar, ele mandou me chamar!
 É de aruanda aê
 É de aruanda aê
 Todos caboclos são de Umbanda é de aruanda aê
 Quem manda na mata é Oxóssi
 Oxóssi é caçador
 É na Aruanda aê
 É na Aruanda aê
 Todos caboclos são de Umbanda é de aruanda aê*

Durante esse ponto, os médiuns na sessão são orientados a irem até o altar bater cabeça e passar infusão¹⁷ nas mãos. A partir deste ato, todos e todas cantam pontos para chamar suas entidades, na ordem da sacerdotisa.

Ponto para caboclos:

- 1) *João da Mata;*
- 2) *Cabocla Ita;*
- 3) *Caboclo Jupindá;*
- 4) *Caboclo Teimoso;*
- 5) *Cabocla Jurema;*
- 6) *Cabocla Herondina;*
- 7) *Caboclo Tupaíba;*
- 8) *Caboclo Ubirajara;*
- 9) *Caboclo Tango do Pará;*
- 10) *Cabocla Mariana;*
- 11) *Cabocla Toya Jarina;*

Chamada para Caboclos da Linha do Mar:

- 1) *Marinheiros;*

Chamada para Entidades da Mata do Codó:

- 1) *Légua Boji Buá da Trindade;*
- 2) *Rainha Rosa;*
- 3) *Cearense;*
- 4) *Dom Pedro Angaço;*
- 5) *Caboclo Zé Raimundo;*
- 6) *Cabocla Eliana;*
- 7) *Boiadeiro;*
- 8) *Pequeninho;*
- 9) *Zé Pelintra;*
- 10) *Tourinho Brabo;*
- 11) *Mineiro;*
- 12) *João Mineiro;*
- 13) *Nega Leonor;*
- 14) *Manezinho Légua;*

¹⁷ Infusão é um líquido usado como limpeza para mãos, braços e nuca. A fim de atrair boas energias e abrir caminhos energéticos para encantados e caboclos, feito de ervas mergulhadas em álcool, essências de flores e perfumes.

Finalizando a sessão com a sacerdotisa passando penas de araras, azul e vermelha, com fundamento de afastar energias negativas e “pragas¹⁸” com a cantiga:

*Se tiveres praga de alguém
desde já, seja retirada.
Levadas pro mar ardente
para ondas do mar sagrado.*

Encerramento dos trabalhos com a oração Pai Nosso e, novamente, bater cabeça no altar com o ponto:

*Para você que é filho de umbanda
Para você que é filho de fé
Bata com a cabeça
Peça a zambi o que quiser!*

Durante as sessões, foram identificadas as entidades incorporadas nas sacerdotisas e nos médiuns (filhos de santo): João da Mata¹⁹; Pena Dourada²⁰; Tunaré²¹; Cabocla Herondina²²; Légua Boji Buá da Trindade²³; Cabocla Ita²⁴; Caboclo Jupindá²⁵; Caboclo Jurema²⁶; Caboclo Tupaíba²⁷; Caboclo Ubirajara²⁸; Tango do Pará²⁹; Cabocla Mariana³⁰; Caboclo Jaguarema³¹; Cabocla Toya Jarina³²; Marinheiro³³; Tereza Légua³⁴; Rainha Rosa³⁵; Zé Raimundo³⁶; Boiadeiro³⁷; Cabocla

¹⁸ Uma maldição, receber agouro de alguém ou alusões pessimistas de outra pessoa.

¹⁹ Incorporado na Mãe Socorro de Oxum.

²⁰ Incorporado em uma filha de santo do terreiro.

²¹ Incorporado em uma filha de santo do terreiro.

²² Incorporada em uma filha de santo do terreiro.

²³ Incorporado em Mãe Jaguarema de Ogum, mãe-pequena do terreiro.

²⁴ Incorporada em uma filha de santo do terreiro.

²⁵ Incorporado em uma filha de santo do terreiro.

²⁶ Incorporada em uma filha de santo do terreiro.

²⁷ Incorporada em uma filha de santo do terreiro.

²⁸ Incorporado em uma filha de santo do terreiro.

²⁹ Incorporado na Mãe Socorro de Oxum.

³⁰ Incorporada na Mãe Socorro de Oxum.

³¹ Incorporado em Mãe Jaguarema de Ogum.

³² Incorporada em uma filha de santo do terreiro.

³³ Incorporado em um filho de santo do terreiro.

³⁴ Incorporada na Mãe Socorro de Oxum.

³⁵ Incorporada em uma filha de santo do terreiro, neta de Mãe Dulce.

³⁶ Incorporado na Mãe Socorro de Oxum.

³⁷ Incorporado em um filho de santo do terreiro, o terceiro na hierarquia do templo.

Eliana³⁸; Pequeninho³⁹; Caboclo Pena Grande⁴⁰; Caboclo Jaguarari⁴¹; Treme Terra⁴²; José Tupinambá⁴³; Seu Balanço⁴⁴; Onça Tigre⁴⁵; Cícero Légua⁴⁶;

Outro fenômeno presente no Terreiro é a pajelança⁴⁷ e Entidades do fundo⁴⁸, seres com características indígenas com uso de cocares, maracás e Tauaris⁴⁹.

Imagem 7 - Sessão de 11 de setembro de 2019



Fonte: Alessandro Brandão, 2019

³⁸ Incorporada em uma filha de santo do terreiro.

³⁹ Incorporado em uma filha de santo do terreiro.

⁴⁰ Incorporado em uma filha de santo do terreiro.

⁴¹ Incorporado em uma filha de santo do terreiro.

⁴² Incorporado na Mãe Socorro de Oxum.

⁴³ Incorporado em um filho de santo do terreiro.

⁴⁴ Incorporado em uma filha de santo do terreiro.

⁴⁵ Incorporada em uma filha de santo do terreiro.

⁴⁶ Incorporado em uma filha de santo do terreiro.

⁴⁷ A pajelança se fundamenta, basicamente, na crença nos encantados que se apresentam durante os rituais possuindo o pajé, que é a figura central da sessão de cura, como foi mencionado. De acordo com Maués (1995), os encantados podem ser de duas categorias: do fundo (bichos do fundo, iaras e caruanas); da mata (curupira).

⁴⁸ Espíritos de pajés ou encantados que, acreditam, habitam no fundo dos rios e igarapés.

⁴⁹ Charuto de uma árvore de mesmo nome, usado para defumar consulentes e filhos de santo.

2.3 8 de maio de 1963 – Festa da Cabocla Mariana

A perspectiva de abordagem será de entrevistas com sacerdotes, sacerdotisas, adeptos e curiosos que participaram da famosa festa de inauguração do Terreiro de Santa Bárbara. Aqui ocorreram muitos casos de intolerância religiosa, pois foi o primeiro toque de tambor no Amapá que chamou a atenção de autoridades e curiosos.

Cabocla Mariana⁵⁰, “a bela turca”⁵¹, a mais conhecida dos terreiros no norte do Brasil pela sua origem na fundação dos laços do Tambor de Mina. A entidade de mãe Dulce, a precursora da religião não só no Maranhão, mas também no Amapá. Cabocla Mariana abriu as portas, o terreiro e recebe ainda hoje homenagens todo dia 8 de maio no Terreiro de Mina Nagô Santa Bárbara. Em sua última entrevista publicada em 2006, Dulce Moreira relata as festas de Mariana, presente na coroa de sua filha e sucessora, Mãe Socorro de Oxum.

Até hoje, tradicionalmente, Mãe Dulce bate o tambor no dia 8 de maio, sempre em homenagem à cabocla Mariana. Só que dessa vez ela fez a homenagem em dois dias. Primeiro, no dia 8, na rua, em frente à sua casa. Foi um ritual mais voltado para a confraternização e toda a vizinhança da rua passava por ali, nem que fosse só pra dar uma olhadinha curiosa e disfarçada, mas depois de algumas olhadinhas o pessoal acabava ficando pra ver mais. Também os mais populares pais e mães de santo de outros terreiros, e seus pretos velhos, caboclos e caboclas, estiveram presentes na casa de Mãe Dulce, inclusive, Mãe Dilma, que vem sempre do Maranhão, onde mora, pra visitar o terreiro da anfitriã (ASSIS, 2006).

Mariana tem duas irmãs: Herondina e Jarina. As irmãs encantadas de Mina são mais cultuadas na região Norte e, no Maranhão, elas são conhecidas como as princesas turcas encantadas da Praia dos Lençóis (maranhenses), pertencente ao Rei Dom Sebastião. Mariana é chamada carinhosamente como Dona Mariana⁵², mas sofreu o encantamento ainda jovem, por este motivo às vezes é rebelde e

⁵⁰ A literatura dos estudos do tambor de mina no estado do Pará mostra que, Mariana, Jarina e Herundina, tornaram-se entidades cultuadas na religião, virando caboclas após se encantarem e passarem pelo processo de ajuremação (PRANDI, 2000).

⁵¹ Fazendo referência à origem da Cabocla Mariana. Como coloca Taissa Tavernard de Luca, “[os] turcos são personagens que retomam o episódio histórico das cruzadas e os bandeirantes representam simbolicamente o processo de ocupação do interior brasileiro denominado de Entradas e Bandeiras. São ora apresentados como nobres, ora como caboclos, o que nos fez pensar que sejam nobres com status um pouco inferior ao dos senhores de toalha. Mundicarmo Ferretti, em seu livro *Desceu na Guma*, os classifica como gentilheiros e os descreve como ‘fidalgos, não confundidos com os orixás, às vezes também confundidos com os caboclos (...) que não pertencem a nobreza européia cristã’. São consideradas categorias hierarquicamente intermediárias compostas de nobres, às vezes descritos como mestiços e não brancos. Na maioria das vezes se vestem com roupas finas e luxuosas confeccionadas de tecidos brilhantes e richelieu colorido. Todavia, por serem personagens ambíguos, podem também trajar roupas de florão que os aproximam dos juremeiros e codoenses” (LUCA, 2014, p. 186).

⁵² Nos versos do cantor e compositor paraense, Pinduca, Cabocla Mariana ganha versos em ritmos de carimbó:

“Chegou Dona Mariana
Ha ê se a dona da vila de Canindé
Ha ê se a dona passa o igarapé
Escorregou mais não caiu
Foi Mariana
Se é queda de mulher
Uma estrela no céu brilhou
Foi Mariana
Cabocla que já baixou”

desbocada, faladeira como uma arara, animal que a representa, mas com a fineza da uma princesa que foi em vida, aconselha em casos amorosos e familiares, mas não faz nada contrário ao amor.

Em uma das suas últimas entrevistas, Mãe Dulce relata a Carol Assis como foi aquele 8 de maio de 1963, dia da fundação do Terreiro de Mina Nagô Santa Bárbara:

Dona Dulce fala que várias pessoas tiveram reações que causaram grande estranheza em quem assistia ao ritual do Tambor de Mina. "Muita gente 'caiu' (incorporou) naquele dia e começaram a dizer que eu tinha jogado feitiço pra que aquilo acontecesse e que o feitiço que causou as reações neles, vinha da fumaça da minha defumação. Eu expliquei pra eles que eu não fazia nada, que não era a defumação e que aquilo acontecia porque aquelas pessoas tinham a predisposição, a sensibilidade e que isso se manifestava naturalmente. Mesmo assim, durante muito tempo, meus filhos tiveram que aturar ser chamados de 'filho da macumbeira' pelos colegas da escola. Mas eu não deixava isso me atingir e continuo trabalhando até hoje (ASSIS, 2006).

O desconhecido trazia estranheza para o povo que até então frequentava terreiros apenas para benzimentos e recebimento de passes energéticos. Curiosos procuravam de onde vinham aqueles tambores. A própria defumação, que purifica o ar com aromatizantes naturais das ervas secas, causa incômodos ao ponto de anônimos passarem mal e até incorporarem próximo ao Terreiro de Santa Bárbara. Atualmente a data é lembrada pela lei de autoria do então deputado estadual Randolfe Rodrigues, do Partido Socialismo e Liberdade, o Dia Estadual dos Cultos Afros, em alusão ao primeiro toque de tambor de mina no Amapá no terreiro da Mãe de Santo Dulce Moreira.

3. MEMÓRIA(S) DE MÃE DULCE

No que designa na formação de nossa identidade estava baseada em um indivíduo totalmente centrado e unificado, cujo centro remetia a um núcleo interior que surgia inicialmente quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia ao longo de sua existência, muitas vezes sem mudança e com a mesma perspectiva individualista, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação individuais (HALL, 2006). No contexto dessa identidade deixar legados e representatividade viva *post mortem*, a memória é massificação, não só das lembranças como do sentimento de pertencimento do ato. Por isso, “o estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (LE GOFF, 1990, p. 427).

Dulce da Costa Moreira nasceu em 26 de setembro de 1925, no município de Muaná na Ilha do Marajó no estado do Pará. Casou-se com o maranhense João Batista Moreira, conhecido como “Piloto”, quando o mesmo foi para Belém-PA para servir ao Exército Brasileiro. O comandante do Exército, coincidentemente, foi o primeiro governador do Território Federal do Amapá⁵³:

Janary Nunes, foi nomeado pelo Getúlio Vargas e ele convidou lá os subordinados dele na companhia que ele comandava, e se quisessem vir pro Amapá ele estava vindo pra ser o primeiro Governador e ele precisava de gente pra trabalhar aqui. E um dos primeiros funcionários aqui do território foi o meu pai, porque ele deu baixa lá no exército e veio embora pra não veio junto com ele, mas chegou aqui inclusive antes dele desembarcar aqui o Janary desembarcar o papai já tava esperando ele (MOREIRA, 2021).

Desde então, a formação do Território, sua organização e a migração de outros amazônidas, nordestinos e sulistas pressupõe o surgimento de novos empregos numa região pouco explorada.

Todo o processo de instalação das religiões de matriz africana no Amapá está estreitamente ligado ao fenômeno da imigração de pessoas, de idéias e de crenças que iniciou, como se verá, ainda no período da colonização, acentuando-se consideravelmente a partir do desmembramento da região em relação ao Estado do Pará, ocorrido na década de 1940, e ainda mais, a partir da criação do Estado do Amapá, décadas de 1980 e 1990, e da conseqüente estruturação administrativa e econômica exigida pela nova realidade vivenciada desde então (PEREIRA, 2008, p. 96)

No Amapá, a mãe Dulce teve 8 filhos. Entre eles, Humberto, Isabel Cristina, João Batista, Carlos Augusto, Socorro, Jaguarema, Joana Darc e Janaína, nesta ordem. Criou e educou seus filhos no bairro do Trem, em Macapá. Se estabelecendo por quase 20 anos nesse bairro, até se mudar para o bairro da Favela⁵⁴ no início da década de 1960.

⁵³ O Território Federal do Amapá foi um território federal criado em 13 de setembro de 1943, de acordo com o Decreto-lei nº 5.812, durante o governo do presidente Getúlio Vargas. A região foi desmembrada do estado do Pará, e equivalente ao atual estado do Amapá. A constituição do território se deu visando a fatores estratégicos e de desenvolvimento econômico, em plena Segunda Guerra Mundial.

⁵⁴ Hoje bairro Santa Rita.

3.1 Trajetória religiosa: o papel da sacerdotisa.

Mãe Dulce começa enfrentando os preconceitos, discriminação e intolerâncias. Como relatou a Pereira (2008) no início da década de 2000:

(...) o que eu peguei no início da Umbanda neste Estado, no tempo do Território, foi coisa triste, querendo me desmoralizar, mas eu nunca baixei a cabeça, porque eu não pedi, eu nasci, me apareceu esse dom, então eu tive que erguer a cabeça e até hoje. Hoje eu já entro em todo lugar desinibida. Vou numa sociedade, vou por aí, já não tenho mais aquela coisa, mas antigamente eu tinha porque eu era feiticeira. Era eu que virava bicho nesse lago. O padre passou várias vezes aqui dizendo: aqui é que mora o diabo. O padre aí da igreja São Benedito, antigamente. O meu marido foi lá conversar com ele, explicar que aqui não morava nenhum diabo, que aqui era uma casa de família e que ele também tinha que respeitar. E a conquista até hoje é essa, que a gente já pode entrar em qualquer parte, com o peito aberto que se sabe que já não é mais desmoralizada (Mãe Dulce Moreira, entrevista gravada em 04/10/2001 apud PEREIRA, 2008, p. 129).

O objetivo deste ponto é a composição de uma narrativa expressa em linguagem textual e representativa que vamos denominar aqui de trajetória. Onde Bourdieu (2000) representa um avanço sobre a noção de normalidade durkheimiana, a partir da qual as trajetórias individuais podem ser notadas como atreladas a determinadas regularidades sociais observáveis e por meio das quais a sociedade estrutura-se. No pensamento de Bourdieu (2000), a compreensão dos percursos biográficos é indissociável do conceito de habitus, que tem como hipótese central que os comportamentos individuais sejam coerentes com as condições materiais e simbólicas por meio dos quais se foram produzindo.

Mãe Dulce conta que começou a desenvolver o dom desde os 13 anos, aos 27 começou na umbanda. Antes dela outros já praticavam a umbanda na cidade, como Maria Martins Ferreira, José Malcher e dona Doninha Luiza Picanço, entre outros, mas foi ela e seu marido, João Batista Moreira, mais conhecido por “Piloto”, que trouxeram para o Amapá a hierarquia de São Sebastião, originada da Encantaria do Rei Sebastião da Praia do Lençol, no Maranhão (ASSIS, 2006).

Imagem 8 - Caboclo Tupiaçu (no Prof. Mair Melo) e Caboclo Pena Forte (na Mãe Dulce).



Fonte: Acervo Mair Melo

Imagem 9 - Visita de Pai Euclides (Fanti-Ashanti) no Terreiro de Santa Bárbara, no meio. A esquerda Prof. Mair Melo e a esquerda, Mãe Dulce.



Fonte: acervo Mair Melo

Em entrevista para o trabalho de dissertação de Decleoma Pereira, mãe Dulce descreve sobre a fé, o processo de hierarquia no terreiro e a iniciação na religião:

A maior iniciação na Umbanda é a freqüência. E fé, minha filha. Se você não tem fé não venha porque você não adquire nada. É necessário ter fé. Aí inicia sentando no banquinho, as vez tem apenas aquela aproximação, não tem incorporação.

Com a freqüência no banquinho em todos os sábados, que eu trabalho os sábados a noite, então começa a se aproximar cada vez mais o caboclo da pessoa, caboclo, preto velho, criança. Tem que ser médium. Se não for médium não adianta ficar. Aí fica no banquinho, quando começam as incorporações, vai melhorando cada vez mais, quando eu vejo que a pessoa já ta firme nas incorporações aí então eu faço a fortificação na cabeça. Aí passa mais anos, coroa. Faço a coroação da criatura. Depois da coroação vem o batismo. Tem que coroar. Botar uma coroa cantando a doutrina, rezando prece na cabeça do médium. Um trabalho todo especial. E depois, então, vem o batismo. Só quando completar sete anos é que está apto a ser batizado, recolhido. Aí passa recolhido, uma coisa especial, alimentação pouca, com pouco sal. Aí sai, com oito, quinze dias (dependendo do estado de incorporação do médium), na Umbanda e sai na Mina porque pertence as duas coisas. A Mina é o tambor. Se não pertencer pra Mina não sai no tambor, sai mesmo na Umbanda, só na Umbanda. Mas se pertencer ao tambor sai na Mina. (...) Quem decide sou eu pois eu é que estou vendo qual é a necessidade que tem, né? Eu é que desenvolvo e sei qual é o grau de desenvolvimento e o que, quem, qual é o caboclo, qual é o preto velho que tem (MOREIRA apud PEREIRA, 2008, p. 130).

3.2 Trajetória política: desafios

As narrativas, construídas a partir dos relatos biográficos, resultam de esforços de racionalização conscientes e inconscientes, que se traduzem na construção de artifícios capazes de estabelecer as conexões coerentes entre as memórias e as impressões dos sujeitos, que se expressam em relatos e questões abordadas em entrevista, tanto por parte do(a) pesquisador(a) social como do sujeito objeto da biografia, entre investigador e investigado (BOURDIEU, 1996).

Após o movimento de separação dos kardecistas e umbandistas, surge a Federação Espírita Umbandista Beneficente do Território Federal do Amapá e a Federação Espírita do Amapá, fundadas em 15 de fevereiro de 1970 e 16 de julho de 1977, respectivamente.

A Federação Espírita Umbandista dos Cultos Afro-Brasileiros FEUCAB Instituição criada com o objetivo de congregar os afro-religiosos de Macapá e, principalmente, normatizar o funcionamento da religião, criando regras para a instalação de terreiros e determinando horários de funcionamento dos toques. As festas com tambor teriam como horário regulamentar de 08:00h às 23:00h, fora deste horário o proprietário do terreiro seria obrigado a tirar licença específica e se responsabilizar, diante das autoridades da segurança pública por qualquer incidente que viesse ocorrer. Nestas condições, cada terreiro filiado teria direito a realizar duas ou três grandes festas anuais (PEREIRA, 2008, p. 126).

Mãe Dulce trocava de posto com outros federados e sacerdotes na condução da organização da associação dos umbandistas, como descreve essa ata de reunião de assembleia geral para a votação da recondução da sacerdotisa à frente do movimento institucional religioso (anexo 3):

FEDERAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA BENEFICENTE DO T.F.A.

Ata da Reunião de Assembleia Geral do dia 13 de abril de 1.986

As dia treze de Hum mil nove seis do mês de Abril novecentos e oitenta e às 10:30, reuniram-se Assembleia Geral em com os membros da F.E.U.B.T.F.A., para eleger por aclamação a Presidente Dulce da Costa Moreira, a pedido do Vice-Presidente foi feito a prece de abertura pela Irmã Maria Martins Ferreira; em seguida foi lido a prece pelo Sr. Vice-Presidente, que rezou a prece de confraternização aos irmãos e agradecimento ao altíssimo, citada pelo irmão José Ataíde, após votação por aclamação, por não ter quem concorresse com a chapa, em seguida a pedido do Vice-Presidente foi lido a Ata anterior pelo 2º Secretário Francisco de Assis Sousa Barreto, que depois de lida e aprovada foi por todos assinada, em seguida o Vice-Presidente tomando da palavra, levou ao conhecimento de todos se era da vontade própria, ficar nos seus referidos cargos, que na maiorias dos cargos receberam sim, com exceção de alguns não. Em seguida tendo o Sr. Antônio Maciel cargo acumulado no conselho fiscal, foi aclamado para ocupar o cargo pendente o Sr. Raimundo Monteiro da Cunha.

Tendo a continuação foi feito uma prece em nome dos irmãos falecidos e a nomeação do 2º Secretário a Srtª Rita de Cássia da Costa, dando continuidade o Vice-Presidente em exercício passou

o cargo da Presidente eleita Dulce da Costa Moreira, que tomou a palavra, agradecendo a nova maneira de confiança que lhe depositaram para mais um biênio. Em seguida foi entregue aos sócios beneméritos quites as carteiras e os carnês e também e informou sobre a situação da sede própria e pediu esforço de todos na ajuda, meios para juntar fundos para conclusão da construção, em seguida colocou a palavra livre, que usando dela o Vice-Presidente leu os nomes dos irmãos quites com o cofre da Federação. Feito juramento da Presidente e não tendo mais nada a tratar o Presidente deu por encerrada a reunião às 12:30 horas, com a prece de encerramento e o hino dos Umbandistas.

Francisco de Assis Sousa, lavrou e assinou a presente ata, que depois de lida foi aprovada e assinada por todos presentes.

Macapá, 13 de abril de 1986

** Francisco de Assis Sousa*

Presença dos Irmãos na Reunião do dia 13.04.86.

- 01 - João Batista Moreira*
- 02 - Francisco de Assis Sousa Barreto*
- 03 - Wilma de Sousa Valles*
- 04 - Dulce Costa Moreira*
- 05 - M^a dos Anjos Cardoso Raid*
- 06 - Rosilda Malcher Motta*
- 07 - Raimunda Monteiro Vasconcellos*
- 08 - Antônio Carlos Reis Filho*
- 09 - João Batista Moreira Filho*
- 10 - Maria Martins Ferreira*
- 11- Francisco de Oliveira Filho*
- 12 - Orlando Almeida*
- 13 - Antonio Braga*
- 14 - Raimundo Monteiro da Cunha*
- 15 - Luiza Picanço de Barros*
- 16 - Dolores Ardasse Monteiro*
- 17 - Odineia Vilhena de Melo*
- 18 - Maria Silva Duarte*
- 19 - Ineis Dantas da Silva*
- 20 - Maria de Fátima Santos*
- 21 - Ana Lima*
- 22 - M^a da Conceição Pires Santana*
- 23 - Geralda Sena Brito*

24 - *Maria Círia Silva Farias Facanha*

25 - *João Paes Sampaio*

26 - *Raimundo Carlos*

27 - *Raimundo Nonato Jesus*

28- *Antonia S. Jesus*

29 - *M^a Nicéia Costa Ataíde*

30 - *Ailton Espírito Santo de Oliveira*

31 - *Francisco Paes Sampaio*

Além de propor o funcionamento interino e sob responsabilidade da Federação, os terreiros da cidade de Macapá tinham voz e representatividade dentro dos órgãos públicos de fomento à cultura, como relata essa ata de reunião ordinária para votação dos representantes da F.E.U.B.T.F.A. na Secretaria de Cultura da cidade de Macapá em 1989 (anexo 4):

Ata da Reunião do dia 16/04/89 às 06 horas da tarde.

Aos dezesseis dias do mês de abril de hum mil e novecentos e oitenta e nove, a Federação Espírita Umbandista do Estado do Amapá em convocação geral aos membros da mesma para tratar de assuntos referentes à eleição de (03) pessoas que representaram a Federação dentro da Secretaria de Cultura do municípes para lutarem e defenderem os direitos da mesma

Em 1º lugar fez uso da palavra a Sra Presidente DULCE COSTA MOREIRA, que comentou sobre a presença minúscula dos umbandistas nas reuniões.

Por fim foram escolhidos por unanimidade com aprovação de todos os presentes os Srs.:

01 - José de Ribamar Fernandes Silva.

02 - Maria dos Anjos Cardoso Raid

03 - Henrique da Silva Pantoja.

Assinatura do Presentes.

01. Dulce Costa Moreira

02. João Batista Moreira

03. Bernadete S. Soares

04. Antônio Carlos Reis Filho

05. Maria dos Anjos Cardoso Raid

06. Maria do Carmo dos Anjos

07. Maria Jacira Siqueira Nery

08. Antonia Souza de Jesus

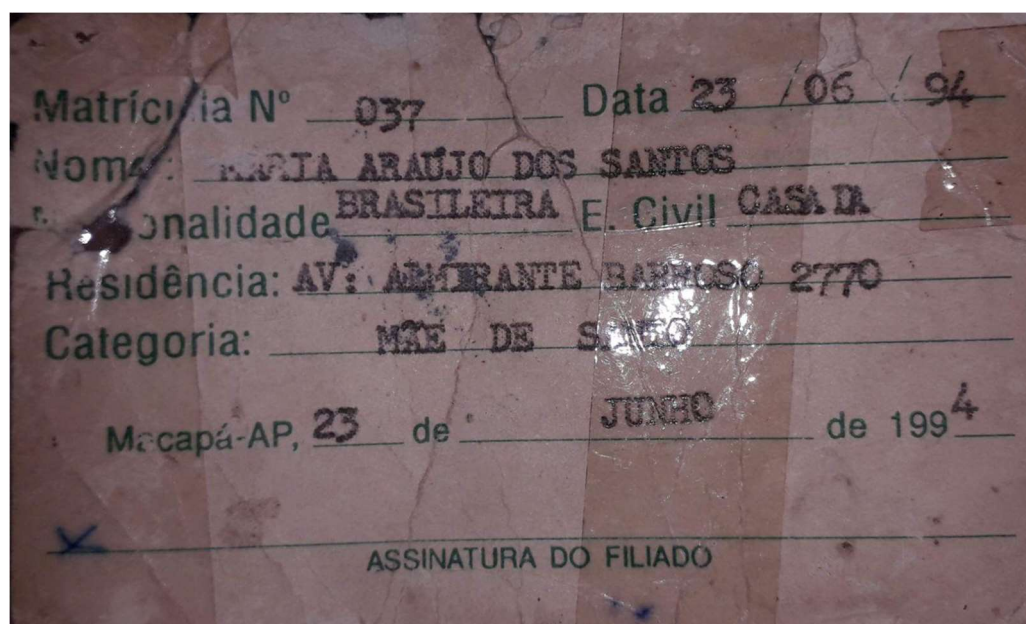
09. Joaquina Alves Cortez

Imagem 10 - Carteira de federado da Federação dos Umbandistas do Amapá, frente.



Fonte: Alessandro Brandão, 2020

Imagem 11 - Carteira de federado da Federação dos Umbandistas do Amapá, verso.



Fonte: Alessandro Brandão, 2020

Líderes políticos e outras autoridades frequentaram o Terreiro de Santa Bárbara desde sua fundação até os dias de hoje, como conta Humberto Moreira:

Ela sempre teve um contato muito bom com os líderes políticos, trataram ela muito bem, os prefeitos, as pessoas frequentavam a minha casa lá na casa da mamãe porque eu saí de casa com dezessete anos e fui morar só, eu já tava trabalhando eu comecei a trabalhar com dezessete incompletos e eu passei num concurso da rádio e fui trabalhar. E aí eu saí de casa fui morar só eu e mas eu sempre nos festejos que

aconteciam lá eu tava presente e acompanhei que o governador, prefeito, essas pessoas elas frequentavam a minha casa, principalmente nessas festas que tinham lá. E iam lá sem problema nenhum e vão até hoje, né? Eu acho que eu não sou muito presente, mas eu acho que essas pessoas frequentam lá (MOREIRA, 2021).

O professor Mair Melo também afirma e confirma a presença de governadores, prefeitos, deputados e senadores em busca de apoio político de mãe Dulce.

O Júlio Pereira⁵⁵, o Júlio Maria Pinto Pereira, o Júlio Maria Pinto Pereira, depois veio o Comandante Barcellos que vai ter uma reunião diante de uma reunião que está lá no quadro lá que tem todas as mãos de santo reunido porque eu articulei essa reunião. (...) Foi para a Federação dar apoio para o comandante Barcellos na eleição para Governador, foi isso que aconteceu. (...) Aí depois veio o comandante Barcellos que ele ficava era mais em tempo de política assim. Aí depois o Randolfe, o Randolfe foi uma pessoa muito fundamental, tanto que criaram ele quando era deputado estadual criou o dia da Umbanda (MELO, 2022).

A sacerdotisa mantinha o respeito e domínio sobre alguns políticos da época, sobretudo para conseguir apoios em festejos e atividades da Federação.

⁵⁵ Júlio Maria Pinto Pereira, nasceu em Macapá no dia 21 de setembro de 1954. Com 22 anos de idade candidatou-se a vereador pelo Município de Macapá e foi eleito, chegando a Presidente da Câmara de Vereadores no período de 1982/84. No ano de 1987 foi ao Rio de Janeiro para articular com o político Leonel Brizola, o que resultou na fundação do Partido Democrático Trabalhista - PDT do Amapá, concorrendo às eleições para o cargo de prefeito de Macapá. Idealizou a criação do Jornal do Dia no ano de 1990 que, posteriormente, passou a circular diariamente. Esse jovem cheio de vida e de ideias foi acometido pela malária, que em poucos dias consumiu todas as suas energias, vindo a falecer no dia 24 de julho de 1994 (SILVA, 2011).

3.3 A queda

Imagem 12 - Mãe Dulce representando Mãe Menininha do Gantois no desfile de 13 de Setembro no “carro dos Orixás” na década de 1980.



Fonte: acervo Mair Melo

Dulce da Costa Moreira sofre com uma queda no banheiro, ficando debilitada e passando meses numa cadeira de rodas. Porém, antes de procurar o hospital, a sacerdotisa passa o terreiro para sua filha Socorro Moreira. Demorou bastante tempo entre a queda à procura de um hospital, como relatou seu filho mais velho:

(..) ela quebrou o fêmur. Não pôde mais andar e ficou lá em casa sentado numa cadeira de rodas durante algum tempo. (...) Foi definhando lá até que um dia, escutou tem que levar a mamãe pra ver o que que é isso! Ela andava bem, qual é o problema? Tem que ver se ela não quebrou o fêmur e tal, e na chapa, aí quebrou, que tava quebrada, vai começar o processo para tentar operá-la lá, na Unimed ela tava bem quando eu fui lá e então vai ser operada, mas não pode ser que não tem centro cirúrgico tem que ser no São Camilo, transfere pro São Camilo, transferiu pro São Camilo, quando ela chegou no São Camilo ela pegou uma infecção hospitalar (MOREIRA, 2021).

Mãe Dulce ganhou notoriamente espaço na mídia amapaense *post mortem*, rendeu homenagens por sua escola de samba favorita e autoridades próximas, como a então deputada federal Janete Capiberibe, que se pronunciou na Câmara Federal no dia 05 de março de 2007. Transcrevo o seu discurso numa matéria publicada no jornal *Folha do Amapá* em 29 de janeiro de 2007 informando o falecimento da sacerdotisa:

*Amapá ainda lamenta a morte de Dulce Moreira, a primeira mãe-de-santo do Estado*⁵⁶
 Morreu no último sábado (27) a mãe-de-santo Dulce da Costa Moreira, primeira mãe-de-santo do Estado do Amapá. Dulce Moreira, 82 anos, se encontrava internada no Hospital Escola São Camilo e São Luiz há mais de uma semana após sofrer uma queda. De acordo com informações da família, inicialmente ela teria sido internada no hospital da Unimed e depois transferida para o São Camilo, onde veio a falecer de complicações respiratórias.

Natural da Ilha do Marajó, Estado do Pará, Dulce Moreira era amapaense de coração. Junto com a família instalou em Macapá o primeiro terreiro de umbanda. Há vários anos presidia a Federação Umbandista do Amapá e também era tradicional integrante da Ala das Baianas da Escola de Samba Maracatu da Favela. Durante o enterro, ocorrido no último domingo, brincantes e membros da direção da escola homenagearam a ex-integrante da Ala das Baianas com toques de tambor e sambas de enredo da Maracatu.

Dulce Moreira teve nove filhos — seis mulheres e três homens. Entre eles o jornalista e radialista Humberto da Costa Moreira, colaborador da Folha do Amapá e atualmente trabalhando na rádio Cidade FM.

Em 2006 a Assembléia Legislativa do Amapá aprovou um projeto do deputado estadual Randolfe Rodrigues (PSOL) tornando o 8 de maio como Dia Estadual dos Cultos Afros. A data é alusiva ao primeiro toque de tambor de mina no Amapá no terreiro da mãe-de-santo Dulce Moreira. Na ocasião, ela destacou a importância das tradições e do respeito aos cultos e religiões.

Nesta segunda-feira vários veículos de comunicação e autoridades do Estado ainda lamentavam a perda de uma mulher que deixou seu nome na história do Amapá.

Poetas e compositores amapaenses honram traços nas linhas à Mãe Dulce, como o senhor Fernando Canto, que valorizou o saber de fraternidade da amiga:

Foi então que a história protagonizou a mão de Toia Dulce para direcioná-la aos caminhos do bem, do amor e da caridade, em constante luta contra o preconceito e a discriminação sofrida pela família, até o reconhecimento de alguns pela sua prática religiosa, depois tão solicitada. Essa mesma mão que curava com suas ervas e unguentos a dor dos pobres, das crianças e dos desesperados, fulgurava na sua humildade pelas manhãs macapaenses, nem sempre descansando, mas pensando na melhoria do mundo, no embalo de uma cadeira, no pátio de sua casa no velho bairro da Favela (CANTO, 2018).

Abaixo, os convites e homenagens aos falecidos Mãe Dulce e João “Piloto” para missas católicas na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, templo religioso cristão frequentado pela família Costa Moreira.

⁵⁶ Título da reportagem.

Imagem 13 - Convite para missa de 7º dia de falecimento de Mãe Dulce



Fonte: acervo Mair Melo

Imagem 14 - Convite para a missa de 6º mês de falecimento de Mãe Dulce



Fonte: acervo Mair Melo

Imagem 15 - Lembrança da missa de 7º dia de falecimento de João “Piloto” Moreira

"Eu vou para Deus, mas não esquecerei aqueles a quem amei na terra."
(Sto. Agostinho)



João Batista Moreira

★ **Nasceu em 24/06/1921**

✝ **Faleceu em 12/02/2005**

Missa do 7º Dia de Falecimento

Eternas saudades de seus familiares e amigos

NUNCA DEIXAREMOS DE TE AMAR

PRECE DE CÁRITAS

Deus, nosso pai, que sois todo poder e bondade, dai a força áqueles que passam pela provação, dai a luz áqueles que procuram a verdade, pondo no coração do homem a compaixão e a caridade.

Deus! Dai ao viajor a estrela guia, ao aflito a consolação ao doente o respouso

Pai! Dai ao culpado o arrependimento, ao espirito a verdade, a criança o guia, ao órfão o pai.

Senhor! Que a vossa bondade se estenda sobre tudo que criastes.

Piedade, Senhor, para aqueles que não vos conhecem, esperança para aquele que sofre.

Que a vossa bondade permita hoje aos espiritos consoladores derramarem por toda parte a paz, a esperança e a fé.

Deus! Um raio, uma faísca do vosso amor pode abrasar a terra; deixai-nos beber na fonte dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lágrimas secarão, todas as dores se alcarnarseão.

Um só coração, um só pensamento subirá, até vós, como um grito de reconhecimento e de amor.

Como Moisés sobre a montanha, nós vos esperamos com os braços abertos, oh! Poder, oh! Bondade! oh! Beleza! oh! Perfeição e queremos de alguma sorte merecer a vossa misericórdia.

Deus! Dai-nos a força de ajudar o progresso, a fim de subirmos até vós; dai-nos a caridade pura a fé e a razão; dai-nos a simplicidade que fará das nossas almas o espelho onde se refletirá a vossa imagem. **Amém.**

Fonte: acervo Mair Melo

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos o processo de constituição das religiões afro-ameríndias no seio da sociedade amapaense identificamos algumas estratégias que vão nortear a ação dos líderes do movimento religioso na segunda metade século XX: (1) a chegada de uma nova religião; (2) a institucionalização do campo sagrado a partir da fundação da Federação Espírita dos Umbandista Beneficente do Território Federal do Amapá; e (3) a racionalização das práticas religiosas de Umbanda e Tambor de Mina no meio cultural. Ao nosso entender, tais processos refletem o desenvolvimento territorial, econômico e ideológico, uma vez que os líderes do movimento apropriaram-se do discurso de união, perseverança e liberdade para demonstrar que os cultos afro-religiosos eram a expressão de identidade do povo do Amapá, que tenha nascido em um ambiente relativo às classes subalternas, as religiões foram se institucionalizar gradativamente a partir do ingresso de representante da classe média (militares, médicos, funcionários públicos etc.) como cliente, consulente ou médium pertencente aos terreiros, influenciando na formação da Federação a fim de ordenar as atividades religiosas.

Este processo inicia-se antes da década de 1960 e se torna mais intenso durante a chegada dos ideais kardecistas, período separatista que gerou a criação de outros templos e fundamentou as relações organizacionais sociais como mecanismo de aliança e fortalecimento religioso. Nesta perspectiva, o processo de institucionalização das religiões afro-ameríndias no Amapá adquiriu contornos definitivos em 1959, quando Marcos Farias dos Santos se torna um dos primeiros sacerdotes e decide fundar a Tenda São Sebastião Harmonia e Caridade, adentrando a liberdade e independência religiosa, tal qual Mãe Dulce quatro anos depois. Em 1970, com a fundação da F.E.U.B.T.F.A. com a finalidade de fraternizar as comunidades de terreiro e a partir dela servir de instrumento de dialogação com delegacias, secretarias e até com o Governador, o órgão assumiria, assim, o duplo emprego de emissor prioritário para dialogar com o Estado a regulamentação das práticas religiosas e de órgão oficial das atividades religiosas. Acredito que o objetivo da Federação fora alcançado por completo, em exercício, pois, se reflete em atividades e legado deixado pela comunidade de Santa Bárbara os direitos e festividades adquiridas e oferecidas pelo Governo do Amapá e Prefeitura de Macapá, como patrimônio identitário dos amapaenses, requerendo ao aniversário da cidade de Macapá o Festival de Iemanjá arquitetado por Mãe Dulce e seus pares ainda na década de 1980.

Nosso objetivo, desde o início, restringiu-se a identificar o momento inicial e analisar as primeiras iniciativas para a legitimação dessas religiões no Amapá, ou seja, a legitimidade da F.E.U.B.T.F.A. como órgão coordenador das atividades religiosas afro-ameríndias e de matriz africana, reconhecido publicamente pelas autoridades governamentais como o principal órgão que

concedeu licenças para o funcionamento dos templos ou festividades de santos patronais dos terreiros. Na realização do 1º Encontro dos Umbandistas do Amapá, os sacerdotes e federados atingiram o ápice do seu diálogo com o Estado, por intermédio de um umbandista ocupando espaço político, que conseguiu realizá-lo e se perpetua até hoje no dia 02 de fevereiro na orla da capital. Por ser o local naturalizado e se buscar um consenso entre as lideranças religiosas, o Festival de Iemanjá e o Dia Estadual dos Cultos-Afros são responsáveis pela divulgação destas religiões aos que frequentam os ambientes em que ocorreram os eventos, como na mídia amapaense a visibilidade nessas datas.

A adesão ao Tambor de Mina adquirido por outros templos amapaenses, mesmo sem uma linhagem hereditária com as grandes casas do Maranhão, fortalece o Terreiro de Mina Nagô Santa Bárbara, pois de lá saem fundamentos e expressões. Se tornando exemplo, não só pioneiro, como referencial nos conhecimentos de toque, pajelança, umbanda e cânticos aos voduns e Encantados. Cabocla Mariana é o baluarte das Minas de Aruanda, como Mãe Dulce é para os terreiros de Matriz Africana e ameríndias. Relatada por muitos, dos mais variados adjetivos, como meiga, orgulhosa, carismática, humilde, e antes de tudo, mãe.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Carol. **Mãe Dulce e o dia dos Cultos Afros**. O Ver Mundo. São Paulo, SP. 14/5/2006. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/mae-dulce-e-o-dia-dos-cultos-afros-1>>. Acesso em: 10 out. 2021

BOURDIEU, Pierre. As condições sociais de circulação internacional de ideias. **Revista Enfoques**, Rio de Janeiro, vol. .01, n.º 01, 2002.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. / Pierre Bourdieu; introdução, organização e seleção Sergio Miceli. 7.ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. **Esboço de Uma Teoria da Prática: precedido de três estudos da etnologia Cabila**. Oeiras, Celta Editora, 2000.

_____. Uma interpretação da teoria da religião de Max Weber. Apêndice I. In: _____. **A economia das trocas simbólicas**. Org. Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva. 6. ed. 2007. p. 79-98

BRANDÃO, Alessandro Ricardo Pinheiro. Tenda espírita São Sebastião harmonia e caridade: a História da Umbanda no Amapá. **Revista Tempo Amazônico**, vol. 6, n.º 1, p. 100-114, - ISSN 2357-7274| V. 6 | N.1 | jul-dez de 2018.| p. 100-114.

BRANDÃO, C. R. **Fronteira da fé: alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje**. Estudos Avançados, [S. l.], v. 18, n. 52, p. 261-288, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10035>.

BRASIL. **Decreto nº 6.040/2007**. Lei nº 9394/96. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Brasília: 2007. Disponível em m <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6040>. Acesso em: 16 jan. 2019.

CANTO, Fernando. **TOIA DULCE (homenagem à Primeira Mãe-de-Santo do Amapá)**. Blog De Rocha. 09 mar. 2018. Disponível em: <<https://www.blogderocha.com.br/toia-dulce-homenagem-a-primeira-mae-de-santo-do-amapa-por-fernando-canto/>>. Acesso em: 30 jan. 2022

CANTO, Juvenal Salgado. **Entrevista concedida a Alessandro Ricardo Pinheiro Brandão**. Macapá, 17 ago. 2019.

CAPIBERIBE, Janete. **Discurso da deputada Federal Janete Capiberibe**. Câmara Federal. 05 mar 2007. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/internet/sitaqweb/TextoHTML.asp?etapa=3&nuSessao=023.1.53.O&nuQuarto=32&nuOrador=3&nuInsercao=0&dtHorarioQuarto=15:02&sgFaseSessao=PE%20%20%20%20%20%20%20&Data=05/03/2007&txApelido=JANETE%20CAPIBERIBE&txFaseSessao=Pequeno%20Expediente%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20%20&dtHoraQuarto=15:02&txEtapa=Com%20reda%C3%A7%C3%A3o%20final>>. Acesso em: 20 jan. 2020

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de festas: homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940)**. 2004. 215 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103165>>.

- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CUMINO, Alexandre. **A Umbanda e o Umbandista: quem é e o que é?** São Paulo: Mandras, 2016.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13.^a impr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11.^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KARNAL, Leandro. **Santos Fortes: raízes do Sagrado no Brasil** / In: Leandro Karnal, Luiz Estevam de Oliveira Fernandes. Rio de Janeiro: Anfiteatro, 2017.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- LINARES, R.A.; TRINDADE, D.F.; COSTA, W.V.; **Iniciação à Umbanda**. São Paulo: Madras, 2010.
- LUCA, Taissa Tavernard de. “Por uma sociedade de corte nos terreiros de Belém”. **Revista Estudos Amazônicos**, vol. XI, nº 2, p. 156-189, 2014.
- MARINHO, Marco Antonio Couto. Trajetórias de Vida: um conceito em construção. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, vol. 13, nº 17, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/15710/12445>>. Acesso em: 14 jan 22.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, Pajés, Santos e Festas: catolicismo popular e controle eclesiástico**. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém: Cejup, 1995.
- MELO, Mair Furtado de. **Entrevista concedida a Alessandro Ricardo Pinheiro Brandão**. Macapá, 16 fev. 2022.
- MOREIRA, Humberto da Costa. **Entrevista concedida a Alessandro Ricardo Pinheiro Brandão**. Macapá. 24 set. 2021
- OLIVEIRA, José Henrique Motta de. Entre a Macumba e o Espiritismo: uma análise do discurso dos intelectuais de umbanda durante o Estado Novo. **CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, nº 14, p. 60-85, Setembro / 2009.
- PEREIRA, Decléoma Lobato. **O candomblé no Amapá: história, memória, imigração e hibridismo cultural**. 2008. 229 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2008. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia.
- PIMENTEL, A. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa histórica. **Cadernos de Pesquisa**, nº 114, p. 179-195, nov. 2001.
- PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civiletella. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janáina. (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

PRANDI, Reginaldo. **Os Candomblés de São Paulo: a Velha Magia na Metrópole Nova**. São Paulo, Hucitec e Edusp, 1991.

_____. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas-Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, vol. 3, n.º 1, p. 15-34, 2003. Disponível em: <<https://bit.ly/2MpH1wR>>. Acesso em 18 Jan 2019.

_____. As religiões negras do Brasil. **Revista USP**, São Paulo, n.º 28, p. 64-92, 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28365>>. Acesso em 18 Jan 2019.

_____. **Herdeiras do Axé: Sociologia das Religiões Afro-brasileiras**. São Paulo, Hucitec, 1996.

_____. **Encantaria brasileira: O livro dos mestres, caboclos e encantados**. (org.). Rio de Janeiro, Pallas, 2000..

_____. Festa de Santa Bárbara e Iansã: os baianos entre fronteiras tênues e complementação de crenças. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano XI, n.º 31, p. 203-219, Maio/Agosto de 2018. p. 203-219

_____. **História da Umbanda: uma religião brasileira**. 1.ª edição. São Paulo: Madras, 2015.

REY, Fernando González. **Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2007.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia: saberes e práticas**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/9301/5371>

SANTOS, Erisvaldo P. Dos. **A educação e as religiões de matriz africana: motivos da intolerância**. GT: Afro-Brasileiros e Educação / n.º 21. Disponível em: 28reuniao.anped.org.br/textos/gt21/gt21241int.doc. Acesso em 18 Jan 2019.

SANTOS, Carlos Alberto Ivanir dos. **Marchar não é Caminhar Interfaces políticas e sociais das religiões de matrizes africanas no Rio de Janeiro contra os processos de Intolerância Religiosa (1950-2008)** / Rio de Janeiro, 2018. 293 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós Graduação em História Comparada, 2018.

SANTOS, Maria Helena Amoras dos. **Macapá, um rastro de pirilampos**. Belém: [edição da autora], 1999.

SILVA, João Lázaro da Conceição e. **Seu Ataíde - O Barbudo: Um Alfaiate Pioneiro**. Blog Porta-retrato, janeiro 2012. Disponível em: <<https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2012/01/seu-ataide-o-barbudo-um-alfaiate.html>>. Acesso em 16 ago. 2019.

SILVA, João Lázaro da Conceição e. **Vereador Júlio Maria Pinto Pereira**. Blog Porta-retrato, 28 de dezembro de 2011. Disponível em: <<https://porta-retrato-ap.blogspot.com/2011/12/vereador-julio-maria-pinto-pereira.html>>. Acesso em 10 jan. 2021.

SILVA, Regina Célia de Lima e. **História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França na Encantaria do Tambor de Mina maranhense: do livro à voz no Terreiro da Turquia.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2015.

SOUZA, Luiz Gonzaga Pereira. **Minha vida nesta vida.** Macapá, Território Federal do Amapá, [edição do autor], 1981.

TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto (org.). **A(s) ciência(s) da religião no Brasil: afirmação de uma área acadêmica.** São Paulo: Paulinas, 2001.

ANEXOS

ANEXO 1

Entrevista Humberto Moreira - 24/09/2021

Alessandro: Sua mãe tem uma representatividade muito grande pro tambor de mina, pra umbanda e pros políticos do Amapá. E eu queria primeiramente que o senhor falasse pra mim sobre o nome completo.

Humberto: Meu nome é Humberto da Costa Moreira.

Alessandro: Então, seu Humberto, autoriza a gravação desse áudio?

Humberto: Sim, senhor.

Alessandro: Seu Humberto, a primeira coisa que eu queria saber é como que vocês, como que vocês vieram pro Amapá, né? O senhor nasceu aonde?

Humberto: Nasci em Macapá.

Alessandro: Hm-huh.

Humberto: Somos macapaenses, mas a minha mãe ela é paraense e marajoara, uma cidade chamada Muaná, município de mesmo nome no Marajó. E ela casou com meu pai que era maranhense, que tinha vindo de São Luís do Maranhão pra servir o exército em Belém e se conheceram lá e o comandante dele lá no exército, coincidentemente, foi o primeiro governador do Território, Janary Nunes, foi nomeado pelo Getúlio Vargas e ele convidou lá o subordinados dele na companhia que ele comandava, e se quisessem vir pro Amapá ele estava vindo pra ser o primeiro Governador e ele precisava de gente pra ele trabalhar aqui. E um dos primeiros funcionários aqui do território foi o meu pai, porque ele deu baixa lá no exército e veio embora pra não veio junto com ele, mas chegou aqui inclusive antes dele desembarcar aqui o Janary desembarcar o papai já tava esperando ele.

Alessandro: Uh-huh.

Humberto: Aí foi um dos primeiros a ser contratado naquela época pra trabalhar pro Governo do território.

Alessandro: Maravilha. Então eles se conheceram lá em Belém?

Humberto: Eles se conheceram em Belém.

Alessandro: Nem um irmão seu nasceu lá em Belém? Todos nasceram aqui.

Humberto: Todos.

Alessandro: E o senhor é o mais velho?

Humberto: Sou, né?

Alessandro: E queria que o senhor falasse pra mim a ordem do seus irmãos.

Humberto: Olha, só nós somos e fomos nove, já morreu gente, né? É eu, depois veio a Isabel Cristina que morreu agora. Depois veio o João Batista, Carlos Augusto, depois que o Carlos Augusto, a

Socorro, que é a mãe de santo agora lá, depois da Socorro veio a Jaguarema, depois da Jaguarema a Joana Darc, depois da Joana Darc tem a Janaína.

Alessandro: A Janaína é mais nova né? É e assim logo depois que eles chegam no Amapá vocês vão morar aonde né?

Humberto: Olha nós somos do bairro do trem, meu pai ele quando eu nasci a gente morava no Eliezer Levy.

Alessandro: E aí no bairro do trem? Na Eliezer Levy.

Humberto: Eu nasci na esquina da Eliezer Levy com Antônio Coelho de Carvalho. E a gente sempre morou no trem. O meu pai quando ele se estabeleceu aqui, ele foi buscar minha avó lá no Maranhão e a minha avó foi trabalhar pro primeiro governador.

Alessandro: Também?

Humberto: Lá pela residência. Sim e naquela época não existia, não existia frigorífico, não tinha gelo aqui em Macapá. O abate que era feito lá em Fazendinha, o gado, as sobras elas eram salgadas e o Janari tinha feito uma casa pra colocar lá a carne salgada, mas logo em seguida, ele fez um frigorífico perto da Fortaleza. E a casa no negócio da salgadeira, que chamavam, ficou sem finalidade e ele deu pra minha avó.

Alessandro: Na Fazendinha? Perto da Fortaleza?

Humberto: Tiradentes com a Feliciano Coelho.

Alessandro: Naquela parte da ladeira ou do lado da parte daqui?

Humberto: Na parte da ladeira. E nós moramos lá durante muito tempo e juntos com a minha vó.

Alessandro: Sim.

Humberto: Mas nas outras vezes que a gente saiu de lá a gente sempre tava no bairro do Trem. Nós não tínhamos casa própria, o papai alugava uma casa lá no bairro do Trem e nós moramos durante muito tempo no bairro do trem, mas ainda não eram nove filhos, só os quatro primeiros.

Alessandro: Sim.

Humberto: Aí a gente é originário do bairro do trem, depois que a gente saiu de lá. E foi pra lá...

Alessandro: Pro Santa Rita, né?

Humberto: É.

Alessandro: Aí então, quando que esse momento que a mãe Dulce mora no bairro do trem já já havia manifestação de entidades, ela já trabalhava com umbanda, com espiritismo?

Humberto: Já. Mas não era um terreiro. Ela tinha o quê...

Alessandro: Uma mesa branca.

Humberto: Era um... era uma tenda...

Alessandro: E congazinho?

Humberto: ...de Umbanda. A minha mãe ela também participava da mesa branca, porque tinha um, tem até hoje um Centro Espirita Frei Evangelista na (rua) Leopoldo Machado e é toda quinta-feira, eu era o mais velho, e ela me levava pra ir participar dessa mesa branca lá na Leopoldo Machado.

Alessandro: Sim, Leopoldo Machado com Almirante Barroso né?

Humberto: Isso.

Alessandro: E aí, inclusive, o senhor confirma a história que antes de ser construída a Frei Evangelista ali na Leopoldo Machado funcionava na casa, quero lembrar agora o nome dele, não vai conseguir recordar, mas funcionava ali na Mendonça Furtado, atrás daquela igreja. Mendonça Furtado com a Jovino tinha uma casa de um senhor que recebia o seu Frei Evangelista, juntamente com o Irineu da Gama Paes.

Humberto: Sim.

Alessandro: Com Marcos Farias dos Santos.

Humberto: Seu Amorim.

Alessandro: Isso, seu Amorim, exatamente. Aí então começou lá né? Nessa casa aí até o governador Pauxy ceder aquele espaço que hoje é o Frei Evangelista, né?

Humberto: Lá nesse local teve seu Amorim, Juvenal Canto.

Alessandro: Sim.

Humberto: Seu Agenor, seu Agenor Melo.

Alessandro: Sim.

Humberto: Era um grupo, né? De senhores que participavam lá da mesa branca e a minha mãe.

Alessandro: Fazia parte.

Humberto: Fazia parte.

Alessandro: Perfeito. E quando vem então 'prali' pra Odilardo, não é a Odilardo.

Humberto: Professor Tostes.

Alessandro: Então, quando chega na Professor Tostes é comprado aquele terreno, vocês compraram aquele canto e aonde que funciona a casa e o terreiro hoje, né isso?

Humberto: Naquela época a gente não comprava terreno aqui em Macapá, né? É, não tinha especulação e as pessoas ganhavam do Governo. O papai ele tinha um assim ele era meio nômade, porque a gente morou no trem sim, mas nós fomos pro um período e moramos no bairro do Beirol e aí foi uma casa própria que a gente teve lá no Beirol, na Leopoldo Machado e depois ele saiu da Companhia de Eletricidade e nós fomos morar em Belém de novo. Mas não demoramos muito, ficamos oito meses só lá e voltando. Nós voltamos e fomos morar na Cora de Carvalho e da Cora de Carvalho que a gente mudou pra lá pro Santa Rita, porque deram terreno pra ele.

Alessandro: E qual era a parte da Cora de Carvalho que vocês moravam?

Humberto: Entre a Jovino Dinoá e a Leopoldo Machado.

Alessandro: Lá em cima, né? Na ladeira ali.

Humberto: Na ladeira.

Alessandro: Uh-huh.

Humberto: É lá, ali.

Alessandro: Certo. E vocês começam a construir a casa primeiramente ou já foi...

Humberto: Já foi construindo o terreiro.

Alessandro: O terreiro, né? Aí quando ela constrói o terreiro, ela já vem numa ela vai pro Maranhão pra ser feita?

Humberto: Não, rapaz, é muita história que na década de cinquenta quando ainda era só eu e a Cristina, com os dois filhos o meu pai ele era motorista e ele se envolveu num acidente de carro aqui em Macapá e foi o primeiro acidente com vítima fatal e foi uma menina. Ele era motorista da da Olaria e ele vinha descendo ali a Elizer Levy com a caçamba que ele tinha. A menina atravessou ele e ele atropelou a menina. Como foi o primeiro o primeiro acidente com vítima de Macapá foi uma comoção, né? E ele teve que fugir hoje e fugiu pro Maranhão.

Alessandro: Já era de lá, né?

Humberto: E ele voltou pra lá e nós logo, em seguida, nós fomos eu, a mãe e a minha irmã né? Fomos pra lá. Durante um certo período nós moramos em São Luís e lá em São Luís a família do meu pai tinha o Tambor de Mina. Tem.

Alessandro: Sim.

Humberto: Têm até hoje e foi lá que a gente conheceu nessa época que era o Tambor de Minas. Eu tinha quatro anos, cinco anos, cinco anos e aí a gente ficou três anos lá no Maranhão e a minha mãe começou a participar também de lá do Tambor de Mina, o meu pai já era e chegou lá.

Alessandro: Já se envolveu rápido, né?

Humberto: É. Aí quando a gente voltou pra Macapá, ele tinha ideia de colocar aqui em Macapá um terreiro.

Alessandro: Mas ele como dirigente?

Humberto: Não, porque o meu pai ele nunca foi... ele não incorporou nunca na vida dele...

Alessandro: Ah tá, entendi.

Humberto: Só minha mãe. Então ela que tomou a frente. Ela que foi Yalorixá primeira por causa disso, ela trouxe de lá e ele era só o abatazeiro, ele batia lá.

Alessandro: Entendi.

Humberto: Então ele não não incorporava nada. E a minha mãe aqui ficou na frente. **Alessandro:** Entendi. Então nesse período aí quando o senhor tinha quatro pra cinco anos, no Maranhão que ela foi que ela recebeu os fundamentos do Tambor de Minas.

Humberto: Sim.

Alessandro: Aí deram esse período, três anos depois, né? Vocês passam três anos pra lá. Voltam pra Macapá, aí ganham o terreno ou já tinham o terreno?

Humberto: Não tinha terreno.

Alessandro: É, aí foi ganhar o terreno. E já se construiu hoje onde é o de Minas, Santa Bárbara. Aí o terreiro ele foi fundado realmente no dia oito de maio de sessenta e dois na festa da Mariana?

Humberto: É, mas eu tenho a impressão que eles bateram o tambor antes disso. Mas depois, ele o Randolfe Rodrigues, que é senador, ele queria instituir o dia da Umbanda aqui no Amapá lá na Assembleia, eles botaram dia oito. E coincidentemente é meu aniversário.

Alessandro: Sim

Humberto: E aí eles colocaram lá a primeira, primeira vez foi dia oito de maio de mil novecentos e sessenta e três.

Alessandro: Foi sessenta e dois.

Humberto: Sessenta e dois.

Alessandro: Sessenta e dois. Que até então, por exemplo, terreiro do meu bisavô ainda é mais antigo, ele é de vinte de janeiro de cinquenta e nove que funcionava ali na Mendonça Furtado na frente dali do hotel Equatorial hoje.

Humberto: O que que é?

Alessandro: O terreiro do meu bisavô.

Humberto: Quem é teu bisavô?

Alessandro: O Marcos Faria dos Santos.

Humberto: Ah, seu Marcos.

Alessandro: É. Aí funcionava ali, né? Então, também fazia parte lá da Frei Evangelista.

Humberto: Sim. Ele ia lá em casa.

Alessandro: É, aí então quando é fundado o terreiro em sessenta e dois nesse processo até então, na década de sessenta, há essa briga com a Federação de Espírita com seu Luiz Gonzaga, né? Que ele vem de Belém, traz a doutrina espírita realmente kardecista, né? Que até então os médiuns que apesar de conhecer Allan Kardec, porém não é, vamos supor não reafirmaram a teoria de Allan Kardec na mesa branca pelo fato de ser uma coisa muito desconhecida pra cá na Amazônia né? Até então, quem veio trazendo do Rio de Janeiro foi esse pessoal que vieram trabalhar, né? No território, então já vieram trazendo algumas alguns livros de lá, né? Inclusive o próprio seu Juvenal Canto e então na década de sessenta quando tem essa briga do Luiz Gonzaga com essa, inclusive, ele cita isso na autobiografia dele que eu tenho, que inclusive até o nível do do seu Ataíde. Você lembra disso Ataíde Barbudo? Ele ele conta que teve essa briga com esses umbandistas, né? Justamente pra a Federação Espírita que até então só vai ser implementada na década de setenta. Mas há já essa discussão de federação ainda cinquenta com o deputado Coaracy Nunes, né? Até então se Coaracy não tivesse, não

tivesse morrido naquele acidente de cinquenta e oito a Federação poderia ter chegado ao Amapá com vinte anos antes de que como foi fundada, né? Então até quando o senhor se lembra que a federação ali é o Frei Evangelista e a sua mãe permaneceu ali dentro, antes de se tornar a própria federação espírita.

Humberto: Eu na realidade, não lembro da de alguma incidência entre eles, que o seu Luís era muito amigo dela.

Alessandro: Sim.

Humberto: Família dele era nossa amiga, e na realidade eles teriam que ir de alguma forma cada um seguir o seu caminho.

Alessandro: Exatamente.

Humberto: Então a minha mãe foi fazer a Federação da Umbanda com o meu pai. E eles foram fazer a federação espírita kardecista, né?

Alessandro: Sim.

Humberto: Mas continuavam amigos, a minha mãe continuou frequentando lá o Frei Evangelista sem problema eu conheço seu Luís de lá, conheceu o seu Luiz de lá, é a essa altura eu já estava envolvido com imprensa aqui e eles todos me tratavam muito bem, não tinha problema com ninguém, né? Com eles lá. E o problema que eu tive foi bem antes, né? Questão de bullying essas coisas.

Alessandro: Sim, até então desse preconceito que o senhor sentiu, né? Ou foi vítima durante ou indo pra igreja ou frequentando escola, como que acontecia, como é que ocorria?

Humberto: Como é uma história muito rica. O meu pai quando a gente morava no Beiril, ele trabalhava na CEA, na Companhia de Eletricidade.

Alessandro: Na usina, né? Na usina na época?

Humberto: Ele era motorista de uma caçamba da companhia. E a gente morava lá no Beiril, a minha mãe tinha lá a tendinha dela. Quando foi um dia chegou lá um padre italiano chamado Antônio Coco.

Alessandro: Conheço. Inclusive foi quem me batizou.

Humberto: O padre Antônio é uma figura espetacular, sabe? E ele, eu até me arrepio de falar dele e chamou meu pai e disse que ele queria fazer aquela torre lá da igreja, a igreja não tinha aqui só a igreja, não tinha e como o meu pai viria guiava lá numa caçamba da CEA, ele foi pedir pro meu pai pra ele e buscar areia na Fazendinha. Nessa época não tinha pá carregadeira, você tinha que utilizar braço mesmo pra com pá enchendo lá e e aí ele deu uma certa quantia lá pro papai e pagava uma certa quanti. O papai dia e noite, quando num tava no expediente da CEA, ele ia com dois caras lá pra fazendo dinheiro, cansei de acompanhar e ficar olhando lá. Eles enchiam a caçamba e arriavam do lado da igreja lá a areia. Foi fazendo isso durante algum tempo pra poder ter areia suficiente pra fazer aquela torre, o padre ficou amigo da gente, apesar dele saber que a nossa família era umbandista, ele era muito amigo e ele perguntou pro velho lá se ele tinha alguém na família se ele tinha crianças lá

na família em idade escolar. Eu quando voltei do Maranhão eu já voltei alfabetizado pela minha mãe e a gente foi estudar no Alexandre Vaz Tavares e eu tava já na segunda série quando o padre perguntou aí o papai eu tenho, tenho duas crianças e ele pegou traga pra paroquial, pra escola paroquial padre Dário, que aqui o estudo é melhor e tal. Aí fomos pra lá eu e a Cristina, já fomos estudar na escola paroquial Padre Dário, porque o padre pediu pra gente ir pra lá e ajeitou tudo e não fomos. Só que a gente mudou do Beiril... Assim mais perto do que a pra escola paroquial São José. São José ela funcionava onde é o Shopping Vila Nova. E a gente, o padre interferiu novamente e botou a gente lá na na São José. Só que é São José ela era uma escola da elite, né? Ela, as famílias mais abastadas da cidade botavam os filhos pra estudar lá, não tinha escola particular a não ser a do professor Alzir e nós fomos estudar lá e lá que a gente deu com essa questão do preconceito porque já estavam batendo tambor lá. E aí, alguns colegas meus começaram a me encher o saco lá por causa disso quando eles descobriram que eu era de lá. E eu fiquei, teve um período que eu fiquei muito ruim, porque foi o primeiro ano que eu estudei lá, porque eles me perseguiam. É, me estigmatizaram, me chamavam de tudo e tal, e eu fiquei muito abalado com aquele negócio, mas eu também não sou muito flor que se cheire, entendeu? Eu tive um arranca-rabo com um padre por causa disso lá, o padre Caetano. Eles quiseram me expulsar de lá da escola por causa disso que eu dei uma pedrada no peito do padre e não foi com uma pedra pequena não é, porque ele me pegou olhando o cinema pela janela do cinema. O Cine João XXIII funcionava lá e eu tava uniformizado, era umas oito e meia da noite eu saía seis horas da tarde, tava uniformizado lá e me deu, me deu uma porrada na cabeça bem forte instintivamente eu me abaixei com a mão na cabeça e a minha mão esquerda foi numa pedra, em cima da pedra, quando eu vi que era ele, pô, eu dei com a pedra no peito dele, ele ficou no chão lá e fui embora. Daí quando foi no outro dia eu só poderia entrar na... quando eu cheguei lá, Maria das Dores que era a diretora disse só entra aqui se trouxer seu pai. Eu contei pra minha mãe e ela pegou e disse, “onde foi que ele te bateu”. Eu disse: Me deu uma porrada na cabeça. Disse “cadê?” Aí passou a mão assim e disse: “huumm..”

Alessandro: o galo...

Humberto: Deixa o teu pai chegar, ele contou pro papai e foi comigo lá, aí a dona minha amiga Maria das Luzes, ela contou pro papai que eu tinha jogado uma pedra no peito do padre que feriu que não sei o que e tal, aí porque se a gente tava olhando o filme aí não sei o que aí papai disse quando chegar lá em casa nós vamos conversar. “Quanto ao padre, diga a ele que se ele tocar a mão no meu filho, vou quebrar ele de porrada. Eu não vou bater nele. Eu vou quebrar ele, diga pra ele”. Aí eu comecei também ficar meio rebater as coisas. Porque tinha um grupo de alunos de amigos, que eu tenho até hoje, que eles me defendiam, viu. Eles iam pra cima dos outros, “não mexe com ele e tal” e brigava, hein? Uma confusão danada, isso e mais a população ela não sabia o que era aquilo. Não é? Uma coisa nova que a igreja não sabia. E se sabia fazia questão de se fazer de ignorante. E a

população não sabia o que era, era curiosa a respeito daquilo. Isso daí só veio diminuir com o advento da televisão e eu sou um dos pioneiros da televisão, com a televisão começaram a aparecer documentários sobre a Bahia, sobre as raízes as religiões de matriz africana, na Bahia, aí as pessoas começaram a ver que aquilo não era, não foi inventado aqui, a abrir a mente das pessoas sobre essa questão, né? E foi aí que começou a passar a questão da perseguição que se tinha contra a gente.

Alessandro: E aí nesse momento então, né? Pegando um pouquinho desse processo que o senhor vive quando que, até então seu pai era próximo ao Governador, né? Janari aí nessa década de sessenta já não é mais Governador. Depois volta e fica nisso né? Foi o irmão, aí essa mudança de poder e vive ditadura militar nesse processo da ditadura até então a sua mãe monta a federação né? Também pra respaldar as religiões de matriz africana. Que a gente vê os casos de de repressão que havia no Rio de Janeiro naquela época também. Qual era o contato que a sua mãe tinha com essas lideranças políticas?

Humberto: Ela sempre teve um contato muito bom com os líderes políticos, trataram ela muito bem, os prefeitos, as pessoas frequentavam a minha casa lá na casa da mamãe porque eu saí de casa com dezessete anos e fui morar só, eu já tava trabalhando eu comecei a trabalhar com dezessete incompletos e eu passei num concurso da rádio e fui trabalhar. E aí eu saí de casa fui morar só eu e mas eu sempre nos festejos que aconteciam lá eu tava presente e acompanhei que o governador, prefeito, essas pessoas elas frequentavam a minha casa, principalmente nessas festas que tinham lá. E iam lá sem problema nenhum e vão até hoje, né? Eu acho que eu não sou muito presente, mas eu acho que essas pessoas frequentam lá.

Alessandro: O próprio Randolfe.

Humberto: é mesmo o que se fala que as pessoas são muito assim, não é? Durante o dia na igreja católica. Aí durante a noite elas frequentam assim meio por baixo dos panos. Mas essas religiões de matriz.

Alessandro: É, mas isso acontece até com a gente que é da religião. Por exemplo, a gente vê terreiros que fazem ladainhas de manhã. Fazem a reza, fazem missa de manhã e de noite faz um tambor pro santo. Então é uma coisa bem popular mesmo de rotineiro da gente culturalmente né?

Humberto: É, mas isso, isso é muito isso é muito da nossa da nossa natureza né? Isso aí. Ah, eu mesmo, eu mesmo frequento a igreja, eu tenho meus santos sou devoto de São José, fui batizado lá na igreja naquela igreja de São José em mil novecentos e cinquenta, eu sou devoto de São José, isso não quer dizer que eu não tenha respeito pelas entidades, não é do da do tambor de minas. Sou, a minha mãe que diz que eu sou filho de Oxóssi, eu não sou médium, nunca incorporei, ela disse que eu sou filho de Iansã e Oxóssi. Não sei. Se for, bacana!

Alessandro: E aí então com essas festas, políticos até então, em vida ainda ela veio a aprovação da lei em homenagem a ela. No dia oito de maio acho que é dois mil e três ou dois mil e quatro, alguma

coisa assim, né? E quando acontece esse processo em dois mil e quatro que ela já começa a adoecer, né? A queda do banheiro e como foi pra vocês essa transformação vamos supor espiritual dela né? Até então ela vai pro médico fica um tempo internada, mas antes de chegar na morte dela em si o do seu pai, seu pai faleceu bem antes?

Humberto: Papai faleceu quatro anos antes, mas ele já não estavam vivendo juntos. Ele teve uma fase que ele foi embora pra Belém, ficou pra lá e tal, e voltou aí que voltar pra casa, num deu certo e já não morava lá. Ela veio me consultar, eu peguei esse “eu não vou viver com ele e a senhora”, quer resolver um bom relacionamento com meu pai sim, ser humano é assim mesmo principalmente numa relação longa né? Acontece então, ele morreu quatro anos antes, mas a minha mãe sempre foi maluca pelo pelo velho e ela foi definhando, depois que ele morreu ela começou começou também... Eu acho que ela sabia que ela ia morrer, porque eu fui ela tava aqui na Unimed, aí eu fui lá vê-la ela tava bem e tal, mas ela me chamou e falou um negócio assim se soubesse que ia morrer né? Ela falou: “toma conta lá”, “a senhora ta bem?”, ela disse “não, toma conta, tô te falando”. E uma semana depois ela tava morta.

Alessandro: Foi a queda, foi uma queda no banheiro?

Humberto: Fêmur.

Alessandro: ela quebrou o fêmur. Aí depois disso ela passou quanto tempo internada depois dessa queda?

Humberto: O negócio é o seguinte, ela quebrou o fêmur. Não pôde mais andar e ficou lá em casa sentado numa cadeira de rodas durante algum tempo.

Alessandro: Entendi.

Humberto: Foi definhando lá até que um dia, escutou tem que levar a mamãe pra ver o que que é isso! Ela andava bem, qual é o problema? Tem que ver se ela não quebrou o fêmur e tal, e na chapa, aí quebrou, que tava quebrada, vai começa o processo pra tentar operá-la lá, na Unimed ela tava bem quando eu fui lá e então vai ser operada, mas não pode ser que não tem...

Alessandro: ...não tem centro cirúrgico.

Humberto: Centro cirúrgico tem que ser no São Camilo, transfere pro São Camilo, transferiu pro São Camilo, quando ela chegou no São Camilo ela pegou uma infecção hospitalar. Entendeu?

Alessandro: Então a decorrência da morte dela foi a infecção hospitalar.

Humberto: Sim. Ela tava definhando por causa do problema do fêmur, que isso mata as pessoas.

Alessandro: Então na verdade foi a primeiramente que abalou ela, foi a morte do seu pai. Né? Aí vem aquela questão de existir sozinha. Vem um pouquinho da depressão, pode ser um pouco de ansiedade.

Humberto: Exatamente.

Alessandro: Aí ocorre a queda no banheiro, né? Depois da queda colocam ela na cadeira de rodas, né? Não fui não princípio pro hospital...

Humberto: não foi logo pra ser, não foi um negócio de pega e leva porque tal. Não ela disse "não, eu posso ficar me recuperando aqui sentada e tal tomando remédio" não foi assim.

Alessandro: Aí fraturou o fêmur não vai pro hospital ou é transferida pra fazer cirurgia pega uma infecção hospitalar e falece lá mesmo, né? Certo. E aí depois disso no meio desse processo a mãe socorro já começa a se preparar.

Humberto: Ela já tinha passado pra Socorro.

Alessandro: Ah tá.

Humberto: Quando ela não pôde mais, por causa que ela tava sentada numa cadeira ela passou pra Socorro. Socorro e a Jaguarema.

Alessandro: É só as duas que são médiuns?

Humberto: Não, as outras são, só a Janaína que não é.

Alessandro: E o seu João Batista, né? Seu João Batista? João Batista é que inclusive frequenta na em festas lá, né? E então, é isso aí Humberto, eu acredito que já tem um material e é bom já entrevistei a mãe Socorro, já entrevistei o seu Juvenal Canto, né?

Humberto: Agora há um equívoco aí, não é sessenta e dois. Meia dois é meia três.

Alessandro: Meia três.

Humberto: Sessenta e dois nós assistimos a Copa do Mundo, esse ano em Belém em sessenta e dois.

Alessandro: Certo, então vou fazer essa correção. E aí então eu vou pegar justamente esse processo. O meu mestrado... Assim, vou falar exatamente da construção do terreiro até a morte dela, né? Então durante toda essa esse período que ela foi sacerdotisa, né? Então eu vou diminuir um pouco esse tempo, né? Que vai ser de sessenta e acho que ali pra dois mil e seis que é justamente da queda dela antes né? Dela falar assim que ela vai ser janeiro né? No início de fevereiro, final de janeiro pra fevereiro, né? E aí então a queda acontece por dezembro

Humberto: Não, ela caiu parece que setembro.

Alessandro: Setembro?

Humberto: Foi, ela ficou uns quatro a cinco meses.

Alessandro: Ah tá. É foi bastante tempo, vou até descobrir o que era, vou passar esse tempo.

Humberto: não porque ela que dizia que ela ia ser ela tomando remédio. Sim. Num sei o que e tal, tipo aí a mamãe pra gente convencer ela de alguma coisa que ela não queria, ela era muito eu diria...

Alessandro: Ferrenha? Teimosa?

Humberto:Irredutível!

Alessandro: Então é isso, seu Humberto, muito obrigado. Agora eu vou atrás do professor Mair pra saber sobre a federação. Sobre essa construção da federação, como ele foi presidente, né? Também participou, ele pode me ajudar. Eu tenho já algumas pautas, tenho já algumas atas das reuniões. e que até janeiro eu defendo o mestrado já pra posteriormente lançar um livro sobre sobre ela assim vou coletar mais material, mais entrevista posteriormente pra ver, pra resgatar essa memória, né? (gravação encerrada).

Anexo 2

Entrevista Mair Melo - 16/02/2022

Alessandro: aí eu queria fazer gravata entrevista com o senhor, mas primeiramente queria perguntar se o senhor autorizar eu usar a sua entrevista, o seu áudio no meu trabalho dissertação de mestrado. Assim, eu primeiramente queria conhecer o senhor e um pouco da sua história.

Mair Melo: Sou professor Mair Furtado de Melo, filho de Mário da Silva Melo, meus pais são paraense vieram do Estado do Pará, né? Meu pai é do município de Breves, minha mãe do município de Chaves e da localidade chamada Goiabal. Eu nasci aqui em Macapá no dia 17 de novembro de 1953, cresci e estudei aqui em Macapá, né? Fiz o curso primário, meu curso ginásial que na época era importante, depois o colegial, aí depois o científico que chamava do Colégio Amapaense, o ginásial na Escola Integrada de Macapá atual Escola Antônio Cordeiro Pontes na Avenida FAB. E lá no Colégio Amapaense que eu fiz o ensino médio que eu fiz não quero científico lá no na Iracema carvão Nunes em frente à Praça da Bandeira. E aí, como não tinha muita faculdade aqui em Macapá, nem universidade, nós temos que deslocar para o estado do Pará. E fiz vestibular em janeiro de 1974 pro curso de história e me formei em 1977. Em 1978, eu entrei para o quadro do Governo Federal como professor, lecionei vários colégios aqui e em Santana lá no Colégio Augusto Antunes, depois de ir para Macapá trabalhar em outras escolas, né? Colégio José de Anchieta... Escola José de Anchieta, Escola Integrada (GM), Escola Antônio Cordeiro Pontes. Também trabalhei no Colégio Amapaense, alguns momentos dei curso lá também no SESC e aí de lá fui diretor da Escola Azevedo Costa no Laguinho, fui diretor da Fortaleza de São José de Macapá, fui diretor do Museu Histórico, fui chefe educacional no Oiapoque. Fui conselheiro de educação no governo do Camilo Capiberibe e agora eu tô no ensino modular desde 1996. Dando aula nessas áreas rurais, ribeirinhas, indígenas e quilombolas também. E com relação a minha espiritualidade, a minha primeira... meu primeiro contato foi assim... com a Igreja Adventista, meu pai era Adventista, foi Adventista. Aí eu fiquei um tempo na Igreja Adventista, morei em Belém com pastor Adventista que foi Pastor aqui em Macapá, o Pastor Manoel Nunes Pinto com a dona Isabel de Santos Pinto. Aí ficou eles pra Belém e voltei quando cheguei em casa, retornei a Macapá e espiritualmente em casa ninguém mais estava definido apesar da minha mãe ser católica, né? Minha avó, mãe da mamãe era católica, família da minha mãe

toda católica, né? Aí eu enveredei pelo caminho da Igreja Católica Apostólica Romana... Aí depois eu comecei a frequentar a Umbanda, fui convidado por uma senhora por nome Ercilia Maria da Costa que era minha vizinha e ela foi e me levou, né? No terreiro de Santa Bárbara que era da falecida saudosa mãe Dulce e do saudoso pai João Batista Moreira conhecido por João Piloto, então eu fui assistir uma festividade lá. Aí depois, já no Colégio Amapaense um dia nós fomos pro... meus colegas, nossa turma para assistir uma festividade, um batuque que tava sendo realizado lá no Terreiro de Santa Bárbara.

Alessandro: O senhor lembra qual foi o ano?

Prof. Mair Melo: Isso foi por volta de 1971/72, eu fazia o ensino médio ainda. Aí de lá, eu incorporei e quando eu despertei todo mundo tava ali com medo e começou a virmos embora para escola de novo, aí de lá, começou a se manifestar na escola, na sala de aula, em mim essa espiritualidade, essa coisa psicológica, né? Então aí eu comecei a manifestar, daí o professor que era meu colega ele tá vivo professor Carlos Gantuche vinha aí me levava, me levava lá para o terreiro da Dona Elza Moraes Fernandes que tá... mora lá na Eliézer Levy ainda, desde sempre o terreiro dela era mais aqui perto da Eliézer Levy com a Diogenes Silva. Aí depois eu entrei para a igreja evangélica de novo para a Assembleia de Deus, passei um tempo lá, aí depois eu fui devagar, novamente me afastando e me congregando na Igreja Católica e nos terreiros. Nos terreiros do seu Zé Tapioca, da Maria Chucre, da mãe Maria da Maria Martins Ferreira conhecida como Maria Cotoco do finado João Cotoco e aí de lá, e aí comecei a me articular com todos esses pai de santo e mãe de santo, porque nesse tempo eu comecei a frequentar bem o Terreiro da mãe Dulce e ela é como era muito conhecedora do tambor-de-mina, das doutrinas, das cantigas, dos guias, dos orixás, de tambor, né? dos guias das águas, das matas, dos boiadeiros, dos mestres de cura. Aí eu fui aprendendo, ajudava a cantar, como nesse tempo o pessoal era assim de Pena-Maracá, pajelança, eles não batiam, era bem raro. Então quando a gente batia um tambor, eles convidavam a mãe Dulce, né? para cantar, para abrir o tambor. E aí depois... foi o povo... foi assim é, se capacitando, foram se edificando, aprendendo... aí foi aparecendo muito terreiro, né? Assim por diante. Aí quando

foi depois, quando a mãe Dulce foi galgada ao cargo de Presidente da Federação dos Umbandistas do estado do Amapá que era um grande desejo nosso, de lá nós começamos a ajudá-la, né? para ela não ficar sozinha, aí os cargos foram distribuídos assim e eu fiquei se não me falha a memória com a de relações públicas, eu que ia no rádio avisar, convidar, anunciar as festividades do Terreiro de Santa Bárbara, da Umbanda. Depois eu fui ao Maranhão, na Casa de Fanti-Ashanti de São Luís do Maranhão, conheci o saudoso Pai Euclides que eu fui até com o finado pai de santo chamado o Raimundo Vargas, chamava o Pai Valdir. Aí nós fomos ao Maranhão, aí eu comecei também, onde eu fiz uma obrigação, né? uma lavagem de cabeça e o assentamento do meu Vodun. E aí de lá eu... Isso por volta de mais ou menos 1987 por volta disso aí, foi... Depois quando eu comecei a trabalhar

no ensino modular, eu me afastei mais. Assim, a mãe Dulce faleceu, mãe Maria Martins Ferreira faleceu, José Tapioca morreu, Maria do Carmo, Maria Joana, esse povo antigo, a dona Adélia ali no Morro do Sapo na São José com Nações Unidas, Mãe Dina da Pará e assim a gente... Eu era articulado com todas essas mães de santo. Eu gostava de ir participar, colaborar, ajudar a festividade.

Alessandro: E como era, como que o senhor enxergava Macapá nessa época que o senhor começou a frequentar aí na década de 1970.

Prof. Mair Melo: Ontem eu tava até falando, quando fui visitar a mãe Socorro, que hoje é a mãe de santo do Terreiro de Santa Bárbara, dirigente que ficou no cargo como mãe de santo. E eu digo assim: hoje em dia as coisas estão mais democráticas, tão mais abertas, pessoal se assume mais. Era muito reprimido, o preconceito era muito grande, chegou... Teve um colega meu que me disse o que é que eu fazia dentro de um terreiro de macumba se eu era um professor, porque eu ia na missa também, então a gente naquele tempo as pessoas para ir escondido nos terreiros, né? não éramos vistos com bons olhos. Não é assim, como até hoje um preconceito velado, o pessoal não aceita não, devido a nossa cultura conservadora tradicional Judaica Cristã, né? Aí eles não aceitam assim, como sempre foi assim com os cultos afro-brasileiros: candomblé, tambor de mina, Umbanda, a pajelança, curandeirismo, mas é uma coisa muito bonita, muito linda a espiritualidade, sabe? muito bonita mesmo a umbanda, o Candomblé, o tambor de mina, a pajelança, curandeirismo essas coisas da natureza, que se cultua as coisas vivas da natureza, né? O raio, trovão, a tempestade, o mar, rios, lagos, igarapé, do riacho, as matas, pontas de matas, os lagos, cachoeiras, o vento. Então cada... cada elemento da natureza simboliza um Deus, né? Xangô é o raio, é o trovão é a tempestade. Iansã é a deusa dos raios, da tempestade, da ventania. Iemanjá deusa das águas dos mares. A Oxum é deusa das águas doces, das Cachoeiras, dos Lagos. Oxossi é o deus das matas. Ogum é o Deus da Guerra, é o que abre caminho pros orixás, abrindo os caminhos o que vai na frente pros outros passarem. Eu sou filho de Ogum, Iansã e Oxossi. Axé, meu pai.

Alessandro: E assim, professor, quando o senhor foi para o Maranhão esse processo de assentamento de vodun, creio eu por conhecer um pouco, é diferente do que a gente se ver hoje, por exemplo...

Prof. Mair Melo: O candomblé, ele cultua os orixás, boiadeiros, ele só aceita os boiadeiros. Já no tambor de mina, na mina é os voduns que são os orixás. Mas eles aceitam os fidalgos, a realeza que veio e introduziu com eles no Maranhão. Dom João, rainha Rosa, Dom Pedro Angaço, tem vários, vários fidalgos que dava... o seu Turquia, o Pai Turquia, e tem os guias... tem aí a umbanda, na umbanda nós temos uma mistura, espiritismo com a igreja católica, com os santos da Igreja Católica, não é? aí tem a pajelança, a pena-Maracá que tem que aí já trabalha já com os mestres de cura, os encantados que vem do fundo dos lagos, do rios, dos igarapés que são os curadores, né? que chamam também a linha de marari, que eles trabalham só com maracá e o tauari, a fumaça.

Alessandro: Quando eu pergunto a diferença, por exemplo, não sei se o senhor já chegou a cultuar

ou a ver como é o processo de feitura...

Prof. Mair Melo: Não fiz candomblé ...

Alessandro: não, não, não... na mina

Prof. Mair Melo: Na mina é só lavagem de cabeça, nunca assisti, na Umbanda se chama batismo. No terreiro de Santa Bárbara, a mãe Dulce e o pessoal lá chamam batismo, o médium foi batizado, então que assentamento de três dias, de sete dias, conforme for a ordem da mãe de santo e do pai de santo.

Alessandro: E aí fica recolhido três ou sete dias, mas aí...

Prof. Mair Melo: No Candomblé... Na lavagem de cabeça, no vodum é sete dias... é 3 dias, 7 dias de preceito a lavagem e agora o assentamento de orixá é 21 dias e 3 meses de resguardo.

Alessandro: sim, eu passei por esse processo. Sou iniciado no candomblé e quando eu pergunto essa diferença, por exemplo, quando o senhor fala em lavagem de cabeça, assentamento de vodun. é um assentamento normal que a gente ver hoje a louça de barro, o otá, a pedra ou...

Prof. Mair Melo: Não, na mina...

Alessandro: Na mina é assim...

Prof. Mair Melo: tem que ter o otá, o assentamento do Vodun, fazer a obrigação com... da comida do Orixá, no meu caso eu ofereci um galo. Aí aquilo lá fico assentamento lá durante 3 dias, tá?

Alessandro: então então é muito parecido com o que se faz com assentamento de caboclo então.

Prof. Mair Melo: É, é. Exatamente...

Alessandro: o senhor então chegou a receber...

Prof. Mair Melo: Eu nunca passei no assentamento de umbanda, eu passei na Mina já com o Pai Euclides, com a mãe Kabeca, que é a regente do terreiro, da casa Fanti-Ashanti de São Luis do Maranhão.

Alessandro: E aí, o Senhor chegou a receber o seu vodum ou só foi assentado?

Prof. Mair Melo: Ele... ele veio. Ele foi assentado e eu recebi.

Alessandro: Entendi.

Prof. Mair Melo: eu fiquei lá.

Alessandro: Chega a ser uma feitura mesmo.

Prof. Mair Melo: é quase, é tipo um bori vermelho que ele chama na Mina, né? No candomblé chamam bori. Não é o assentamento bem todo, a feitura completa, incompleta. Faltava eu passar... se eu tivesse continuado, aí só que eu não quis colocar. Tempo, que eu tava não tinha tempo para tá cultuando meu orixá e trazer lá do Maranhão da casa do meu pai de santo para cá atravessando água passando com o vodun, o orixá por baixo de água, abaixo de rede, lugares aí... eu seria prejudicado espiritualmente.

Alessandro: Entendi, aí seu vodun hoje ainda tá no Maranhão?

Prof. Mair Melo: Tá.

Alessandro: Continua na casa Fanti-Ashanti.

Prof. Mair Melo: Continua na casa do Pai Euclides, eu não tirei.

Alessandro: E hoje quem é que comanda lá a casa do pai Euclides?

Prof. Mair Melo: É a mãe Kabeca, a Isabel.

Alessandro: Tá, é... Então queria que a gente fosse agora...

Prof. Mair Melo: Ela até reclama com pai Euclides, porque eu não ia quase lá pra cultuar. fazer as devidas obrigações. toda terça-feira a gente tem que ir acender vela, fazer a lavagem, tudo...

Alessandro: Entendi.

Prof. Mair Melo: Você que é um iniciado, você já conhece e compreende isso aí, né... E aí o pessoal ensinando mais as coisas né Antigamente era muito mais a gente ficar calado escutando e vê que a pessoa, a pessoa mais velha queria ensinar aquilo para gente, dá como se diz: “uma folha”. Dá um ensinamento, uma reza, uma cantiga e tinha que ir agradando, conversando e conversando. E ter de levar um presente, dar alguma coisinha e depois “meu pai, minha mãe, minha velha, tal coisa assim... assim”. Quando eles não queriam dar, eles diziam: “menino, vai te acomodar”. Davam logo um ralho e eles não ensinavam. Quando não, eles davam quando estavam de bom humor, porque eles não gostavam... Não de dar assim “ah, faz isso e faz assim”. Eu conheci um pai de santo que ele foi daqui de Macapá e foi falar com o pai Euclides, quando ele chegou eu perguntei para ele, esse pai de santo já faleceu também, eu disse: “aí meu pai, como é que tá lá nosso Pai Euclides?”. “Tá lá daquele jeito, sempre rabugento”. “Ah, eu vou ensinar quando vocês chegam lá e fazem tudo ao contrário, tudo errado, então não vou perder tempo. Ficar ensinando coisas e vocês não fazerem direito”.

Alessandro: É muito Pai Euclides mesmo essa fala, pelo pouco que eu conheço da história dele, eu escuto muito bem isso. Mas professor, eu queria saber agora sobre a Federação. Como é que funcionava a Federação Umbandista do Amapá?

Prof. Mair Melo: Olha, a Federação era a reunião de todos os terreiros de Umbanda de Macapá e de pajelança, as tendas chamavam assim, né? Terreiro, Seara, Tenda era chamado assim, então Então, resolveram criar uma associação para resolver como têm os sindicatos hoje em dia, as associações. Então teve vários que passaram, se organizaram, se articularam e para ver se eles tinha... eles pagavam a mensalidade para ter direito à algumas coisas, mas ele tinha que pedir licença pagar a mensalidade para cá, pagar a licença que tinha que ter para funcionamento. O seu João Piloto batia na máquina...

Alessandro: Datilografava...

Prof. Mair Melo: Datilografava, depois foi um senhor que morava lá no Igarapé das Mulheres, me falhou a memória do nome dele. Aí foi muitos anos, muitos anos depois dele que passou para Mãe

Dulce.

Alessandro: Senhor recorda o nome desse senhor? Pelo menos a família dele.

Prof. Mair Melo: Eu sei, é que no momento passou agora.

Alessandro: Certo, qual era mais ou menos a região em que ele morava?

Prof. Mair Melo: Ele morava ali perto da Rádio Difusora. Ali perto da Rádio Difusora, naquela descida.

Alessandro: Naquela ladeira ali.

Prof. Mair Melo: Na ladeira, mas tenho registro de documento que você viu nas atas antigas, tem né? Então, é muito pouco então pessoal só podia abrir a licença de funcionamento tem que se cadastrar na Federação. Mas a arrecadação era pouca. E aí não dava...

Alessandro: Até o velório também?

Prof. Mair Melo: Pra velório também, benefício que o sindicato dá, associação dá. Dentista, mas como que a gente não tinha assim no momento a arrecadação era pouco.

Alessandro: Sim, e aí queria que o senhor me contasse algum caso se houvesse de intolerância religiosa que a Federação pudesse ter intervido.

Prof. Mair Melo: Pra lembrar, se teve algum caso, já assim... porque os evangélicos nesse tempo eram também muito preconceituosos. Nós tivemos sim um caso de intolerância quando foi feito o primeiro encontro dos umbandistas, que o professor Fernando Medeiros que hoje mora em Belém. Ele era diretor do Departamento de Cultura, então, ele que articulou o primeiro encontro dos umbandistas do estado do Amapá. Foi uma coisa muito linda, maravilhosa, depois as divergências vem, né?

Alessandro: Em que ano foi mais ou menos isso? Esse encontro foi quem que ano?

Prof. Mair Melo: Olha, foi a partir de 1980, dessa década de 80.

Alessandro: Como é que foi esse encontro?

Prof. Mair Melo: Aí ele foi lá e falou que seu João, com a mãe Dulce, aí reuniu. A mãe Dulce chamou todas as mães de santo, pai de santos.

Alessandro: Aí foi feito uma festa? uma reunião?

Prof. Mair Melo: Foi feita uma reunião, e aí o governo entrou, o departamento de Cultura entrou com uma verba para pagar os ônibus para ele buscar o povo de Santana, para ir buscar as mães de Santo dos outros bairros, não é? então aí se reuniu lá no terreiro de Santa Bárbara e de lá saiu para atual praça Zagury, beira-rio, que os primeiros encontros mesmo foi ali naquele... mais ou menos bem pertinho da Fortaleza. Depois que fizeram a rampa, aí que lidera ali na frente do Trapiche, alí do Novo Hotel.

Alessandro: Então, o era? O que vocês fizeram?

Prof. Mair Melo: Nós levamos, o seu João levava o altar, levava a estátua de Iemanjá, aí faziam

aquelas oferendas e levar até lá entregar no rio.

Alessandro: Então esse encontro dos umbandistas poderia ser hoje uma festa para Iemanjá?

Prof. Mair Melo: Era uma festa para Iemanjá, que todo mundo fazia lá no Rio de Janeiro, fazem em Belém, em Icoaraci, aí resolvemos fazer aqui em Macapá.

Alessandro: Então esse festival seria o primeiro festival que teve?

Prof. Mair Melo: Começou, aí teve vários seguidos. Se você me permitir dá uma pausa aí, que eu vou pegar uns álbuns aqui. (pausa na gravação)... Isso aqui é na casa, no terreiro da Maria José, ela faleceu no passado, aqui sou eu, é uma festa lá, que era do terreiro da... aqui eu não sei se era da Maria... da Maria do Carmo. Esse aqui é o José Tapioca, já falecido, aqui é a mãe Dulce, eu e a mãe Lurdes... Dona Lourdes. Aqui, a Noca também. Aqui olha, meu assentamento, não pode mostrar essas coisas. Mas isso aqui, olha.

Alessandro: Para comprovar que o senhor realmente foi assentado!

Prof. Mair Melo: Olha, esse aqui seu João Piloto. Olha, isso é um dos primeiro encontro dos umbandistas. Esse era no terreiro... Esse era o finado Pai Valdir, essa era a Leonora do Marinheiro, eu, seu Tupiaçu... eu aqui. Esse tempo eu participava muito, Alessandro. Alessandro, eu gostava demais, vivia, eu sofria na família os preconceitos. Uma coisa, sabe. Aqui era uma senhora que era da Pena e Maracá, essa daqui era também, que era do terreiro, a tenda dela era aqui no Jardim Felicidade. Aqui é a dona Mariquinha, que chamavam. Maria Joana, aqui. Ela morreu de perna amputada, todos os parentes morreram de perna amputada. Maria do Carmo também. Aqui foi minha obrigação no Maranhão. Domingas, Armando de Oxossi, essa lá da Campina Grande, a Dona Antônia que tá viva ainda. Aqui finado pai Armando, tava magrinho, a gente dava a vida pela Mina, pela Umbanda, meu filho. Fico lembrando esse tempo que a gente ficava, hoje em dia é essa briga, essa disputa. Todo mundo se respeitava. Isso aqui é na Zeca. Isso aqui era no terreiro Santa Bárbara, quando Pai Euclides veio aqui a primeira vez.

Alessandro: Lembra o ano?

Prof. Mair Melo: esse aqui mais ou menos foi... Eu conheci ele em 80, ele não veio logo aqui. Ele foi já depois, mas foi na década de 80.

Alessandro: A Mãe Dulce, ela participava da casa Fanti-Ashanti?

Prof. Mair Melo: Ela ia lá, ela dançava, aí vivia lá quando passeava no Maranhão.

Alessandro: Senhor sabe quem são os sacerdote dela? Com quem ela foi feita?

Prof. Mair Melo: Não, ela, mãe Dulce. Ela veio do terreiro da Mãe Maximiana. Do terreiro.. desse terreiro aqui... Esse aqui... Pra gente não falar besteira, né, mano? Maximiana, ela era famosa. Peraí, deixa eu ver se é ela.

Alessandro: Engenho Velho, Bahia, isso é candomblé. Pesquisa Maximiana tambor de mina.

Prof. Mair Melo: Maximiana, eu tinha isso aqui... Pera aí, vamos, vamos, vamos, vamos achar. De

vez em quando eles soltam. Pera aí, é de 1938. Em 1930... expedição que passou por lá. Poxa, eu assim deixa eu ver, mas ela de lá ela ligada ao Codó.

Alessandro: Depois eu já conversei com a mãe Socorro e com a Mãe Jaguarema, mais ou menos esse contexto.

Prof. Mair Melo: Quem sabe muito, falar sobre isso é o Humberto Moreira.

Alessandro: Pois é, eu entrevistei seu Humberto e ela me contou um pouco. Essa Maximiana não era a mãe do seu piloto?

Prof. Mair Melo: Não, não, não, não... A mãe do piloto Ambrosina, Ambrosina Moreira. Ambrosina que me levava, chegava lá em casa, mamãe era costureira nessa época antes de ser professora. E ela... eu com medo dela, me metia debaixo da cama. Ela metia a mão assim, me puxava e me levava. E eu ficava lá até na hora do almoço, depois da hora do almoço chegava lá o Piloto que era motorista do governo e o jagunço que foi criado também pela irmã dele. Tinha medo. Era três portas, ficava alí na curva da Santa Maria, com a Tiradentes e a Feliciano Coelho. E aí, aí eu saía pela uma porta e eles entravam por outra.

Alessandro: Vamos ver mais fotos? Aonde é esse aqui?

Prof. Mair Melo: Essa daqui é no Maranhão, Pai Euclides e eu. Isso aqui eu tava incorporado, acho que era seu Tupiaçu... é meu chefe de croa. Ele gosta de ficar, mas ele vem na linha das águas e na linha das matas. Aí ele vira, ele pode virar de acordo com a doutrina que tiver abrindo que for água ele vem. “Tupiaçu quando vem beirando o mar”, quando não, é mata, festa de caboclo da mata, orixá de mata lá no terreiro aí ele baixa aí de ver mas ele vem cantando a doutrina dele da mata. “Eu tava passeando nas matas quando eu vi uma voz chamar, Tupi, Tupiaçu. Índio guerreiro da falange dos Orixás.” Aqui é mãe Elza, Mãe Dulce, eu, Rosilda, finada mãe Nalmita, grande cartomante. Essa aqui ainda tá viva está no Maranhão, ela é caxeira lá na casa do pai Euclide (...) Esse aqui é o carnaval, meu sobrinho. Olha aqui mãe Dulce no desfile de Sete de Setembro... 13 de setembro, carro do Orixá e ela apresentando Mãe Menininha (...) Olha aqui aí, o daqui já tá participando conosco desde Belém já, o Salvino. Olha como os altares era montado lá na frente.

Alessandro: Isso é década de 80 já, né?

Prof. Mair Melo: Foi a partir da década de 80, nada antes de 80, tudo mesmo porque quando o Salvino chegou mas nós já estávamos fazendo o encontro dos umbandistas. Isso aqui na Deolinda. Isso aqui lá no Armando.

Alessandro: Depois eu queria tirar uma foto dessas imagens que o Senhor tem, principalmente da mãe Dulce para eu formular mais ou menos a memória dela e participação dela dentro do próprio movimento aí eu vi o comandante Barcellos muito presente, na sua memória que o senhor lembra que foi um dos primeiros políticos a entrar no Terreiro Santa Bárbara

Prof. Mair Melo: o Júlio Pereira, o Júlio Maria Pinto Pereira, o Júlio Maria Pinto Pereira, depois

veio Comandante Barcellos que vai ter uma reunião diante de uma reunião que está lá no quadro lá que tem todas as mães de santo reunido porque eu articulei essa reunião.

Alessandro: Como foi essa reunião?

Prof. Mair Melo: Foi para a Federação dar apoio para o comandante Barcellos na eleição para Governador, foi isso que aconteceu.

Alessandro: Entendi. Aí nessa troca que o senhor falou do seu Júlio Pereira...

Prof. Mair Melo: Aí depois veio o comandante Barcellos que ele ficava era mais em tempo de política assim. Aí depois o Randolfe, o Randolfe foi uma pessoa muito fundamental, tanto que criaram ele quando era deputado estadual criou o dia da Umbanda.

Alessandro: Dia dos Cultos Afros. E assim, a relação com o seu Júlio Pereira como é que era? Como é que era ele no terreiro?

Prof. Mair Melo: Ele se cuidava, ele ajudava a mãe Dulce lá. Acho que a mãe Dulce fazia os lamiré dela lá pra ele, né? Passava banho, ensinava os banhos. Ele tinha muito respeito, tanto que ele tá naquela foto assim.

Alessandro: E aí, ele...

Prof. Mair Melo: Do que a mãe Dulce precisava ele mandava deixar lá para ela, sabe? que a afetividade precisa de ajuda.

Alessandro: Incentivo econômico para realização das festas.

Prof. Mair Melo: Mas é porque ele se tratava lá com ela, pedindo apoio para ele. “Ai, eu tenho uma mãe de Santo que me protege. Eu tenho um santo forte que me protege. Eu tenho um caboclo e o meu Orixá”.

Alessandro: Então participou ele...

Prof. Mair Melo: e muitos, muitos...

Alessandro: Barcellos...

Prof. Mair Melo: Aquele também, ele era espírita, ia lá conosco. Juvenal Canto, o velho o que é irmão do Eduardo, Fernando Canto, Fernando é tio do outro.

Alessandro: Eu entrevistei ele, porque ele foi um dos fundadores do Espiritismo.

Prof. Mair Melo: Ele tem tudo, lúcido, a professora Sol. Ainda conheci o pai Marcos, já conheci o pai Marcos. Por que era do terreiro de São Sebastião na Mendonça Furtado.

Alessandro: Casa 1424

Prof. Mair Melo: em frente à casa do Luiz Melo Entrevista.

Alessandro: Eu fiquei arrepiado pelo seguinte modo. Fiquei emocionado por isso pelo senhor ter lembrado, né? Fiquei esperando o senhor dizer, mas eu sou bisneto do Marcos Faria dos Santos.

Prof. Mair Melo: do seu Marcos?

Alessandro: da Tenda São Sebastião Harmonia e Caridade, tocava todo dia 20 de Janeiro.

Prof. Mair Melo: Eu ia muito nessa festa. A Rosilda quando assumiu, ficava lá cantando. Rosilda sumiu não sei se tá em Belém... Maria Helena, Maria Helena, Professora Maria Helena.

Alessandro: É, minha bisavó. Sou neto da Halda, filho do Marcelo.

Prof. Mair Melo: Seu Marcos sabia muito, sabia quem ele recebia, seu Chibante.

Alessandro: Senhor lembra também da senhora Maria da Mariazinha, lá na Almirante Barroso atrás do São Camilo. Almirante Barroso com Santa Catarina, ali na ladeira. os bairros que Santa Catarina onde alaga.

Prof. Mair Melo: (...) Dona Joana ideia a túnica dançando, Ana Maria. Essa aqui era bem na frente do Castelo Branco, Joana Mariquinha que ali na 13 de setembro essa aqui é para ver seu légua é bonito.

Alessandro: ela está assim agora.

Prof. Mair Melo: Ahh, Dona Mariazinha, é tia do Anacleto. Eu vou na casa dela, sempre telefonava pra mim. Tinha um rapaz que ligava para mim para mandar eu falar com ela ela tem lá na Almirante Barroso.

Alessandro: O que senhor achava da mãe Dulce?

Prof. Mair Melo: Uma carismática, amável, simpática, acolhedora, educada, sabe? Sem comentários.

Alessandro: Ah, voltando pra Federação. Tem uma ata que o senhor assume a direção, se não me engano. Eu não recordo agora o que passaria para o senhor que passou a presidência durante algum tempo...

Prof. Mair Melo: Não, não cheguei a ser não, não.

Alessandro: E aí, assim como era a relação...

Prof. Mair Melo: Você aceita tomar um cafezinho?

Alessandro: Com certeza.

Prof. Mair Melo: Bora!

Alessandro: Senhor não guarde ainda as fotos, que ainda vou fotografar algumas.

Prof. Mair Melo: Você toma com adoçante ou açúcar?

Alessandro: E aí essa relação da Federação, houve perseguição de militares?

Prof. Mair Melo: Não, não, não, não... Porque ali a disciplina era muito rigorosa no Terreiro Santa Bárbara, ninguém entrava para fazer ironia, deboche e anarquia. Se tivesse manifestação ou coisa assim, os meninos saiam dando porrada.

Alessandro: E aí qual era a amizade que o senhor lembra quem era o seu superintendente, o chefe de delegacia, que era amigo da mãe Dulce...

Prof. Mair Melo: Tinha o delegado Oscar, que a mulher dele foi médium lá do terreiro da Elza.

Alessandro: Protegia nesse sentido...

Prof. Mair Melo: Não, não, não... Não tinha esse negócio de proteção naquele tempo que a gente

tinha que tirar licença na polícia, depois saiu da polícia quando criaram a Federação que aí eles disseram tudo é a Federação, associação de vocês. Licença, autorização de tudo.

Alessandro: Acho que antes tinha que pedir autorização para polícia...

Prof. Mair Melo: Igual festa normal... Eles já te deram essas informações, já?

Alessandro: Já! Algumas... Algumas... Vou voltar lá mais tarde com a mãe Socorro, com a Mãe Jaguarema.

Prof. Mair Melo: Porque seis horas começa hoje, né?

Alessandro: Tava indo toda quarta-feira. Eu tenho relação dos caboclos que baixam lá. Quais são os pontos que eles cantam, tudo isso... Vou encerrar aqui a entrevista, então, desde já quero agradecer. Pergunto novamente pro senhor, se o senhor autoriza a gravação desta entrevista para o meu trabalho de dissertação sobre a mãe Dulce.

Prof. Mair Melo: Se eu autorizo? Sim, com certeza.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA BENEFICIENTE DO T.F.A.

Ata da Reunião de Assembleia
Geral do dia 13 de Abril de 1.986

Ao dia treze do mês de Abril de Hum mil novecentos e oitenta e seis às 10:30, reuniram-se em Assembleia Geral com os membros da F.E.U.B.T.F.A., para eleger por aclamação a Presidente Dulce da Costa Moreira, a pedido do Vice-Presidente foi feita a prece de abertura pela Irmã Maria Martin Ferreira; em seguida foi lida a prece pelo Sr. Vice-Presidente, que rezou a prece de confraternização aos irmãos e agradecimento ao altíssimo, citada pelo Irmão José Ataíde, após a votação por aclamação, por não ter quem concorresse com a chapa, em seguida a pedido do Vice-Presidente foi lida a Ata anterior pelo 2º Secretário Francisco de Assis Sousa Barreto, que depois de lida e aprovada foi por todos assinada, em seguida o Vice-Presidente tomando da palavra, levou ao conhecimento de todos se era da vontade própria, ficar nos seus referidos cargos, que na maioria dos cargos receberam sim, com exceção de alguns não. Em seguida tendo o Sr. Antonio Maciel cargo acumulado,

No conselho fiscal, foi aclamado para ocupar o cargo pendente o Sr. Raimundo Monteiro da Cunha.

Tendo continuada foi feito a uma prece em nome dos irmãos falecidos e a nomeação do 2º Secretário a Srtª Rita de Lássia da Costa, dando continuidade a Vice-Presidente em exercício passou o cargo da Presidente eleita Dulce da Costa Moreira, que tomou a palavra, agradecendo a nova maneira de confiança que lhe depositaram para mais um biênio. Em seguida foi entregue aos sócios benemeritos quites as carteiras e os carnês e também informou sobre a situação da sede própria e pediu o esforço de todos na ajuda, meios para juntar fundos para conclusão da construção, em seguida colocou a palavra livre, que usando de lá o vice-Presidente fez o nome dos irmãos quites com o Copi da Federação. Feito o juramento da Presidente e não tendo mais nada a tratar o Presidente deu por encerrada a reunião às 12:30 horas, com a prece de encerramento e o Hino dos Umbandistas.

Francisco de Assis Sousa, lavrou e assinou a presente ata, que depois de lida foi aprovada e assinada por todos presente.

Macapá, 13 de abril de 1986

x Francisco de Assis Sousa

Presença dos Irmãos na
Reunião do dia "13.04.86"

01. João Batista Moreira
- 02 - Francisco de Assis Sousa Barreto
- 03 - Wilma de Sousa Valles
- 04 - Dulce Costa Moreira
- 05 - M^{te} das Anjos Cardoso Roid
- 06 - Rosilda Malcher Motta
- 07 - Raimunda Monteiro Vasconcellos
- 08 - Antônio Carlos Reis Filho
- 09 - João Batista Moreira Filho
- 10 - Maria Martins Ferreira
- 11 - Francisco de Oliveira Filho
- 12 - Orlando Almeida
- 13 - Antônio Braga
- 14 - Raimundo Monteiro da Cunha
- 15 - Luiza Picango de Barros
- 16 - Dolores Ardasse Monteiro
- 17 - Odineia Vilhena de Melo
- 18 - Maria Silva Duarte
- 19 - Ineis Dantas da Silva
- 20 - Maria de Fátima Santos
- 21 - Ana Lima
- 22 - M^{te} da Conceição Pires Santana
- 23 - Geralda Sena Brito
- 24 - Maria Ciria Silva Farias Jacanhas
- 25 - João Paes Sampaio
- 26 - Raimundo Carlos
- 27 - Raimundo Nonato Jesus
- 28 - Antonia S. Jesus
- 29 - M^{te} Nívea Costa Ataíde
- 30 - Cilton Espírito Santo de Oliveira
- 31 - Francisco Paes Sampaio

Anexo 4

220

(06 horas da Tarde) Ata da Reunião do
dia 16/04/89

Los dezessis dias do mês de abril de
Anno Mil e Novecentos e Oitenta e Nove
a Federação Espírita Umbandista do Estado
do Amapá em convocação Geral aos
membros da mesma para tratar de assun-
tos referentes a Eleições de (03) pessoas
que representariam a Federação dentro
da Secretaria de Cultura do Município
para lutar e defender os direitos
da mesma.

Que se logo fez uso da palavra
a Sra. Presidente DULCE COSTA MOREIRA,
que comentou sobre a presença minúscula
dos Umbandistas nas reuniões.

Por fim foram escolhidos por unani-
midade com aprovação de todos os
presentes os Srs:

- 01 - José de Ribamar Fernandes Silva.
- 02 - Maria dos Anjos Cardoso Raül.
- 03 - Henrique da Silva Pautoja.

Assinatura dos Presentes:

- 01 - Dulce Costa Moreira
- 02 - João Batista Moraes
- 03 - Zeneide S. Sales
- 04 - Antônio Carlos Araújo Filho
- 05 - Maria dos Anjos Cardoso Raül
- 06 - Maria do Carmo Sousa dos Anjos
- 07 - Maria Jacira Siqueira Nery
- 08 - Antonia Souza de Jesus
- 09 - Joaquina Alves Cortez